

AGROINDÚSTRIA DE CEREAIS



Conselheiros e representantes eleitos na unidade de beneficiamento de aveia e cevada

PRODUÇÃO DE QUALIDADE

Agora em julho, mês em que completa 37 anos de existência, a Cotrijuí coloca em funcionamento comercial a sua agroindústria de cereais, produzindo flocos e farinha de aveia. Unindo qualidade e versatilidade, esse empreendimento, que é um dos maiores realizados pela cooperativa nos últimos anos, foi apresentado oficialmente a conselheiros e representantes eleitos e a lideranças municipais de toda a sua área de atuação

4 e 5

MILHO

Alternativa para o futuro

O milho vem sendo apontado como a cultura a revolucionar a agricultura brasileira.

Em três momentos diferentes, produtores e técnicos da região debateram o milho em plantio direto, na rotação de cultura e as suas perspectivas de mercado.

8 a 11

ECONOMIA RURAL

A média dos preços agrícolas dos últimos 14 anos

Os piores e os melhores preços praticados desde 1980 para cada uma das atividades agropecuárias praticadas na região.

Eles podem ajudar o produtor na hora de tomar a decisão de quando vender a sua produção.

Centrais



Seminário Técnico Mercadológico do Milho: rotação de culturas, plantio direto, fertilidade, preços, mercado e armazenagem em debate



Fortalecer o produtor, agregar renda e abrir caminho para o desenvolvimento regional. Estes três pilares da tão perseguida verticalização da produção ficam ainda mais valorizados na região com a entrada em funcionamento da agroindústria de cereais de Cotrijuí. A agroindústria é um dos maiores investimentos da cooperativa nos últimos anos, tendo recebido através de uma parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, do Finame e do Fundopen mais recursos próprios, 12 milhões de dólares.

Embora de forma parcial, o empreendimento que veio fortalecer a produção regional, já começa a apresentar os seus primeiros resultados com a produção de flocos e farinha de aveia obtidos por uma unidade capaz de

beneficiar 10 mil toneladas por ano. Até o final de agosto também a unidade de milho, cuja capacidade de processamento é de 45 mil toneladas por ano, deve entrar em fase de testes para em seguida iniciar a colocação no mercado dos quase 20 produtos beneficiados por ela. Para conhecer este projeto implantado com a melhor tecnologia de moagem existente no mundo inteiro, os seus objetivos, sua funcionalidade e sua expectativa de mercado, a Cotrijuí recebeu ninguém menos do que os seus conselheiros e representantes e os seus parceiros regionais, como prefeitos, gerentes das agências do Banco do Brasil, vereadores, secretários, representantes de associações comerciais, de sindicatos, entre outros. Detalhes sobre estes encontros e a própria agroindústria nas páginas 4 e 5.



A política agrícola e o Plano Real

Já estamos vivendo a plena vigência do Plano Real e, agora, o grande desafio será a execução de uma política realmente capaz de acabar com a inflação, a recessão e a corrupção, as três piores inimigas do povo brasileiro. E sairmos do irreal dos gabinetes palacianos, para o controle da burocracia e da mordomia pública, com o necessário enxugamento do Estado como mau gastador.

De outra parte, a indispensável e urgente correção dos desacertos do próprio plano de estabilização econômica, como é o caso do impasse do crédito e da política agrícola, que depois de prometido uma solução, passa agora a viver sério agravamento, com injustificável manutenção da T.R. pela Medida Provisória do Real, afora despropositada elevação de juros.

Por isto, as entidades gaúchas da agricultura estão desaconselhando a assinatura de renegociação das dívidas, enquanto os termos não forem melhor esclarecidos. Agricultura nenhuma no mundo inteiro consegue progredir ou sequer sobreviver com juros acima de 6 por cento ao ano, quando aqui no Brasil, o governo fala no absurdo deste percentual vir a ser mensal. Inexplicável a manutenção da T.R. no crédito agrícola, um indexador, quando o governo implanta uma moeda forte, eis que esta pressupõe o fim da correção monetária. Se mantida, por que apenas para empréstimos e dívida agrícola, a poupança e sistema financeiro da habitação, desestimulando os investimentos e a produção e incentivando a especulação? Conter o consumo, diz o governo.

Mas não a custo de recessão e da falência do setor primário, cuja atividade, a produção de alimentos, deveria ser objeto do maior apoio e incentivo no novo plano governamental. A situação vai a tal ponto que o Ministério da Agricultura, pela Medida Provisória do Real, está sendo ainda mais enfraquecido, com seu titular excluído do Conselho Monetário Nacional.

Enquanto em outros países do primeiro mun-

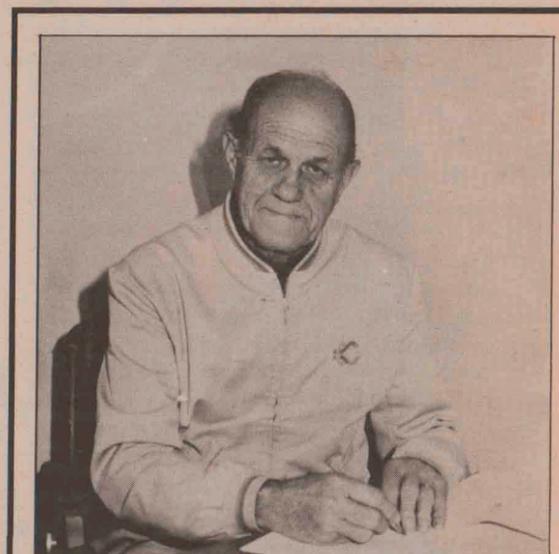
do, a agricultura é incentivada e subsidiada, no Brasil o governo faz justamente o contrário, pois ao invés de incentivar a produção agrícola, trata de sobrecarregar os produtores com taxas, juros e correção monetária, inviabilizando o desenvolvimento da nossa agricultura e a produção de alimentos, e põe em risco o sucesso do Plano Real.

No caso do endividamento dos produtores brasileiros, eles não querem o perdão da dívida, mas o expurgo da espolição de que foram vítima pelo Plano Collor, baseado nas conclusões da CPI do endividamento agrícola, que o governo teima em desconsiderar. Oxalá o governo enxergue a tempo tal despropósito e caia na real, para que o Real se viabilize, não apenas por alguns meses, mas para o futuro de nosso Brasil.

Portanto, o nosso governo precisa reconhecer de uma vez por todas, que sem uma agricultura forte e rica, não pode haver um país forte e rico, pois a agricultura é a base da economia de nosso país. E se não for implantada uma política agrícola definida, durável e viável para o setor, dificilmente o Brasil sairá da crise que enfrenta atualmente, como a fome, a miséria, a recessão e a inflação. Pois a nossa agricultura se encontra sucateada, e se o governo não implantar medidas concretas e urgentes de apoio ao setor produtivo, a tendência é de enfraquecimento e até a falência de nossa agricultura.

Portanto, para reencontrar o caminho do desenvolvimento e do progresso, o Brasil precisa retomar a valorização da produção e da geração de alimentos. Só assim poderá reverter contradições absurdas, enquanto mais de trinta milhões de seus habitantes passam fome.

O caminho da reversão desse quadro dramático passa pela recuperação da agricultura, através de uma política séria e adequada, pois o setor primário produz riquezas em cadeia e assim atende as exigências da realidade brasileira, entre as quais a geração de empregos, inclusive na indústria, no comércio e na produção de alimentos. Portanto,



"Mas não a custo da recessão e da falência do setor primário, cuja atividade, a produção de alimento, deveria ser objeto de apoio e incentivo no plano governamental."

temos que articular nossas forças, envidar nossos esforços, estimular nossos talentos, quebrar a resistência dos renitentes burocratas, para que a política agrícola possa equacionar adequadamente os grandes desafios de um país promissor.

Por outro lado, para que o Plano Real tenha sucesso é preciso que o governo faça a sua parte, isto é, contenha e controle os gastos públicos e conquiste a confiança do povo brasileiro, para que ele ajude a controlar e fiscalizar os preços das mercadorias e dos bens de consumo.

Reinhold Luiz Kommers

Diretor-secretário do Sindicato Rural de Ijuí

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: 332-5161 CGC ICM 065/0007700 Inscr. INCRA nº 248/73 CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone: (051) 361-2555, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR 293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 361-2555 - Fax (051) 341-4466

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

- Cotridata - Processamento de Dados Ltda.

Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400 - Telex: 0552199 - Fax (055) 332-5161

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.

Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

1º Vice-presidente

Euclides Casagrande

2º Vice-presidente

Celso Bolívar Sperotto

Conselho de Administração (Efetivos)

Juarez Padilha, Claudivan Rohenkohl, Valdir

Domingos Zardin, Luís Ottonelli, Jorge Alberto

Sperotto, Hélio Antônio Weber, Braulio Martins

Rocha, Ruben Marcos Fiad Bressan, Anselmo

Garcia da Rocha e José Antônio Peterle

Suplentes:

Jorge Conceição, Romélio Marcks, Nilto Irineo

Gottens, Dair Fischer, Jaques Della Flora,

Nirson Fritzen, Luiz Fernando Low, Ezio

Barzotto e Enor Carniel

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rudy Arno Bonmann, Carlos D. Poletto e

Oswino Bartsch

Suplentes:

João Santos da Luz, José Jorge Rieth de Oliveira e Paulo Dalmaso

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira	584.800 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Total	895.800 t

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora;

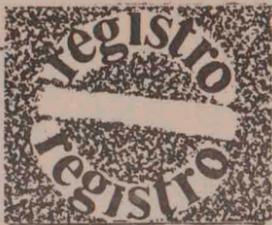
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão na Zero Hora - Porto Alegre

MUNICIPALIZAÇÃO DA AGRICULTURA



Aproximando problemas e soluções

Contribuir para o debate sobre municipalização, planejamento mas, sobretudo, para a aproximação cada vez mais emergente e necessária de problemas e soluções, através de um pleno exercício de cidadania no seu cenário político mais íntimo: o município.

Este objetivo geral do 1º Seminário Estadual de Municipalização da Agricultura, realizado em 20 e 21 de julho, em Ijuí, numa promoção da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul, Conselho Estadual dos Secretários Municipais da Agricultura, Cotrijuí e Unijuí.

O Seminário ocorrido na Socie-

dade Ginástica de Ijuí contou com a participação do governador do Estado, Alceu Collares, do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e oportunizou o lançamento do "programa de Macrozoneamento Agroecológico e Econômico do Estado do Rio Grande do Sul". Através de palestras e painéis, o seminário proporcionou o conhecimento de experiências de outros estados e a discussão das relações entre a municipalidade da agricultura e o mercado. Entre os painelistas, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, o consultor em desenvolvimento de estratégias no Brasil, América Latina e Caribe, José de Souza

Silva, o presidente do Consema, Edison Franco Nunes, o secretário da Agricultura do RS, Floriano Isolan, o consultor da Epagri, Glauco Olinger, o coordenador da Comissão de Municipalização da Agricultura da Emater do PR, Airton Empinotti, o coordenador da Ceema, Argemiro Luiz Brum, o engenheiro agrônomo, Rivaldo Dhein e o presidente da Emater do RS, Celso Fenoy Bins.

Na próxima edição do Cotrijornal, a cobertura completa do evento que serviu ainda para discutir a elaboração de uma proposta de municipalização da agricultura para o Rio Grande do Sul.

POLÍTICA

A visita de Olívio Dutra

Dentro de um roteiro amplo pela região de Ijuí, o candidato ao governo do Estado pelo PT, o ex-prefeito de Porto Alegre, Olívio Dutra esteve visitando a Cotrijuí no dia 27 de junho. O candidato petista e comitiva - formada por Raul Pont, pelo vereador em Porto Alegre Clóvis Ilgenfritz da Silva e pela professora Maria Eulália Nascimento e assessores - foram recebidos pelo presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva e pelos 1º e 2º vice-presidentes Euclides Casagrande e Celso Sperotto. No encontro ainda estiveram presentes, pela Cotrijuí, os diretores Telmo Frantz -superintendente, Carlos Krause, Darci Sallet e o gerente da agroindústria, Robin Bahr.



O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva
Apresentou o Programa da Década a Olívio Dutra e Comitiva

O presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz fez um relato sobre a história da Cotrijuí e apresentou os principais projetos do Programa da Década, com destaque ao programa regional de microbacias hidrográficas, o qual é "fruto de uma nova postura de atuação, onde o solo é prioridade e o objetivo é a reestruturação do sistema produtivo", destacou o presidente. Essa proposta tem recebido muita receptividade por parte do produtor, disse ainda Ruben, lembrando entretanto, da sua dependência direta de uma relação de parceria econômica,

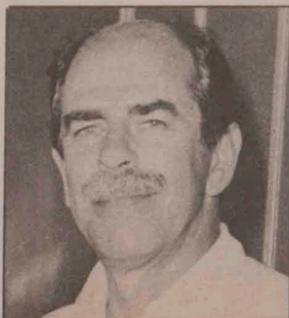
social e política com os municípios e também com o Estado para um pleno desenvolvimento.

Olívio Dutra reconheceu a qualificação do trabalho da Cotrijuí e reiterou compromisso para com a agropecuária através do estabelecimento do Orçamento Participativo no Rio Grande do Sul. Também afirmou a sua intenção em dar continuidade aos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, "mas reestruturados, de forma a permitir uma efetiva participação popular", e falou do comprometimento do seu

programa de governo com a criação de um mercado interno de massas. Em seguida o candidato e comitiva visitaram o parque de armazenagem da cooperativa e as instalações da unidade de aveia da agroindústria da Cotrijuí. A visita de Olívio Dutra pela região durou três dias. Ele participou de eventos partidários no município de Ijuí, teve encontros em mais quatro municípios, participou de reunião com representantes do Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial, na Unijuí e manteve contato com estudantes.

Elite empresarial

Junto a mais 319 nomes da elite empresarial brasileira, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, aparece como um dos nomes de negócios mais influentes, em levantamento realizado pela revista Exame, edição de maio passado. Segundo a publicação da Editora Abril S.A., o título é conferido a esse grupo "por sua exposição pública, pelo respeito que merecem dos pares e pelo papel que exercem, até de modo involuntário, de porta-vozes de todo um setor ou categoria" e independente do tamanho ou porte econômico das organizações que dirigem.



Ruben
Ilgenfritz
da Silva

COTRIJUÍ

Bem lembrada pelos gaúchos

"Quando falo em grandes empresas ou grandes marcas do Rio Grande do Sul, que nome você lembra?". Esta é a pergunta feita a mil e 200 gaúchos de Porto Alegre e do interior do Estado, pelos pesquisadores da empresa Segmento, de Porto Alegre, que em promoção conjunta com a revista Amanhã publicada pela Plural Comunicação Ltda. realiza a pesquisa "Top of mind" pela terceira vez consecutiva.

A "Top of mind 94" - as marcas que o gaúcho tem na cabeça -, publicada na edição de junho da revista Amanhã, mostrou que a Cotrijuí é uma das marcas que mais cresce na mente dos gaúchos, passando do 12º posto em 1993 para o 6º em 1994, ultrapassando portanto marcas famosas como Marcopolo, Ipiranga, Renner, Banrisul, entre outras. Somando carisma, impacto, tradição entre outros referenciais, a marca Cotrijuí, dessa forma, está junto às mais lembradas no Estado, onde embora com menos vigor, se mantém em primeiro, segundo e terceiro lugar a Varig, RBS e Gerdau, vindo depois Zaffari e CRT. A pesquisa "Top of Mind no Rio Grande do Sul" foi realizada entre os dias 22 de abril e 4 de maio de 1994, usando o método quantitativo. O universo foi composto de pessoas residentes no Estado, de ambos os sexos, com idade entre 16 e 65 anos, integrantes das classes sociais A, B, C, D/E, segundo o novo critério da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado.

ANIVERSÁRIO

Há 37 anos fortalecendo a produção regional

No dia 20 de julho a Cotrijuí comemorou mais um aniversário ao completar 37 anos de existência. De lá para cá foram muitas as frentes de trabalho encaradas pela cooperativa que marcou a sua história nas primeiras décadas pelo crescimento horizontal expressivo, passando depois por um redirecionamento profundo, responsável hoje pela sua atuação em dois setores prioritários: a recuperação do solo e os investimentos na industrialização da produção primária.

Visando a promoção do desenvolvimento regional, a Cotrijuí lançou ainda em 1991, o Programa da Década, uma compilação de projetos que têm por base uma nova relação com a terra e são desencadeados a partir do estabelecimento de parcerias com os poderes públicos, em todas as suas instâncias, o produtor e entidades ligadas a agropecuária. No final do ano passado, o Programa da Década ganhou nova edição, revista e ampliada, onde foram redimensionados todos os projetos que abrangem mais de 20 municípios da região.

Complementando esse trabalho permanente, a Cotrijuí investe decisivamente na valorização da produção através da sua agroindústria de cereais. Um dos maiores investimentos realizados nos últimos anos, a agroindústria já tem sua unidade de beneficiamento de aveia e cevada funcionando em escala comercial, o que vem confirmar o propósito da Cotrijuí em ampliar uma política de fortalecimento do produtor e agregação de renda à produção regional.

AGROINDÚSTRIA DE CEREAIS

Os primeiros resultados

Com a comercialização dos primeiros lotes de flocos e farinha de aveia produzidos pela agroindústria de cereais, a Cotrijuí reúne lideranças municipais de toda a sua área de atuação para conhecer um dos seus maiores investimentos nos últimos anos

Uma obra gerenciada há cinco anos e que marca a entrada definitiva da Cotrijuí na verticalização da produção começa a mostrar os seus primeiros resultados. Fruto de um processo de diversificação planejada, aliado a uma nova relação com a terra, a agroindústria de cereais da Cotrijuí, formada pelas unidades de beneficiamento de aveia e cevada e a unidade de milho representa o maior investimento da cooperativa nos últimos anos para cumprir três grandes objetivos: o de buscar mais opções para o seu quadro social, agregar renda durante todo o ano e abrir caminho para um novo patamar de desenvolvimento na região.

Todo este trabalho construído em parceria com o BNDES, Finame, Fundopen foi apresentado à comunidade regional a partir do final de junho, quando da entrada em funcionamento da unidade de aveia e cevada. A rodada de visitas a agroindústria e ainda à fábrica de rações incluiu os conselheiros e representantes, produtores, gerentes do Banco do Brasil, prefeitos municipais, secretários, representantes de associações comerciais, câmaras de vereadores, sindicatos e igrejas.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL - "A Cotrijuí tem se empenhado em intensificar relações com poderes públicos e lideranças regionais", disse aos visitantes o superintendente da Cooperativa, Telmo Frantz. Aproveitando a entrada em funcionamento parcial da agroindústria, ele reiterou a convicção da Cotrijuí "em buscar o desenvolvimento regional a partir de uma reestruturação da agropecuária, onde a agroindustrialização tem lugar fundamental para a geração de riquezas, de empregos e de maior segurança".

Ao longo da sua história, observou ainda Frantz, a Cotrijuí encarou diversas frentes de trabalho para chegar aos dias de hoje, certa de que a cooperativa tem que ser um meio de fortalecer o produtor através das funções essenciais de receber, comercializar e transformar. A tendência, por isso, justificou, é de que "os nossos alvos sejam cada vez mais afinados e as atividades cada vez mais concentradas, como bem demonstram os investimentos realizados principalmente na agroindústria de cereais, na fábrica de rações e na unida-



A visita a agroindústria teve a presença de conselheiros, representantes e...



... de inúmeras lideranças municipais da região, como prefeitos, vereadores e representantes de associações comerciais entre outros

de industrial de São Luiz Gonzaga.

Inserida num contexto mundial que preconiza a competitividade e a racionalização de atividades, a Cotrijuí, ainda segundo o seu superintendente, acredita que a concentração de esforços naquilo que é essencial na produção, é o caminho para se potencializar a produtividade e conseqüentemente os resultados na propriedade. Uma

proposta, disse Frantz, já colocada pelo Programa da Década através dos seus projetos e da sua proposta básica de se estabelecer uma nova relação e de parceria com a terra.

DETERMINAÇÃO - "A agroindústria de cereais representa a determinação da Cotrijuí em administrar uma produção especializada e sustentada pelo

compromisso do produtor em produzir com qualidade", esclareceu também o vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande ao falar sobre a importância da agroindústria no processo de redirecionamento de atividades da Cotrijuí. Utilizando a melhor tecnologia de moagem e beneficiamento de cereais que já estão inseridos no sistema produtivo regional, a agroindústria desencadeia também a modernização de outros setores estratégicos, afirmou Euclides Casagrande, ao apontar a ampliação da fábrica de ração. Entre os 23 produtos originados pelo processamento da agroindústria, alguns, inaproveitáveis para a alimentação humana, participam com bons resultados na elaboração de rações para suínos e bovinos, através do processo de peletização recentemente instalado.

Esse casamento de atividades vai refletir diretamente na produção suinícola amparada pela unidade industrial em São Luiz Gonzaga. Naquela unidade, de acordo com o diretor industrial Darci Sallet, são abatidos 550 suínos por dia, enquanto na produção de embutidos a meta é passar das atuais 800 toneladas para mil toneladas ao mês.

Para o diretor industrial da Cotrijuí, o complexo agroindustrial da cooperativa puxado pelo beneficiamento de cereais, traz uma marca muito importante traduzida pela palavra mais exigida nos últimos anos: qualidade. Uma questão que, na sua opinião, está comprovada pela tecnologia implantada na agroindústria e que se estende ao compromisso do produtor em produzir matéria-prima à altura do seu investimento e das exigências de mercado.

Desse esforço conjunto entre cooperativa, produtor e órgãos financiadores pode se esperar um novo patamar de desenvolvimento regional, acredita o diretor, começando pela própria Cotrijuí, que, em pouco tempo, deve ter grande parte da sua receita total formada por produtos industrializados. Uma mudança significativa também para os municípios de sua abrangência onde o impulso na arrecadação deve ser correspondente, sem falar na possibilidade de geração de novas indústrias a partir da matéria-prima originada pela agroindústria de cereais.

Lideranças conhecem investimento da Cotrijuí

Os primeiros visitantes da região que estiveram conhecendo a agroindústria de cereais, verificando a ampliação da fábrica de rações e observando de perto os projetos da Cotrijuí foram os gerentes das agências do Banco do Brasil localizadas na área de atuação da cooperativa. No dia 22 de junho foram recebidos pelo primeiro vice-presidente Euclides Casagrande, segundo vice-presidente Celso Sperotto, o diretor superintendente Telmo Frantz, demais diretores e gerentes, os gerentes bancários Adenir Tadeu Versaro, da agência do Banco do Brasil em Augusto Pestana, Armando Ballus, de Ijuí, Ildenor Valmorbida, de Ajuricaba, Clenio Severio

Terbell, de Santo Augusto, Osmar Rodrigues, de Coronel Bicaco, Silvestre Becker, de Chiapetta, Cláudio Leopoldo Meurer de Redentora e Neivaldo Antoniolo de Tenente Portela. A visita contou ainda com a presença de funcionários do Banco do Brasil e gerentes das unidades da Cotrijuí.

Depois dos gerentes bancários foi a vez dos conselheiros e representantes e em seguida a Cotrijuí reuniu as lideranças municipais de toda a região. Entre elas, o prefeito de Ijuí, Gerson Ferreira, de Ajuricaba, Claudio Rotilli, de Jóiá, Vilmar Hernandez, de Coronel Barros, Olivar Scherer, de Santo Augusto, Alvorindo Polo



A visita dos gerentes do Banco do Brasil Antes da agroindústria, eles conheceram a fábrica de rações e o parque de armazenagem

, dos vices-prefeitos de Coronel Bicaco, Roberto Zanella e de Augusto Pestana Ilton de Lima Guerreiro e ainda representantes de Augusto Pestana, Coronel Bicaco,

Chiapetta, Inhacorá, São Valério do Sul, Braga, Dois Irmãos das Missões, Miraguaf, Redentora, Tenente Portela, Derrubadas, Vista Gaúcha e Barra do Guarita.

Produção versátil e de qualidade

A agroindústria de cereais entra em operação colocando no mercado flocos e farinha de aveia Cotrijuí. Dois dos mais de quarenta produtos que poderão ser obtidos pela indústria que alia duas características fundamentais, conferidas pelo seu moderno padrão tecnológico: versatilidade e qualidade

Tecnologia de primeiro mundo produzindo alimentos de qualidade. Esse pode ser um resumo do que significa a agroindústria de cereais da Cotrijuí que começou a entrar em funcionamento parcial no final de junho com a produção dos primeiros lotes de flocos e farinhas de aveia e cevada.

Primeira experiência da Cotrijuí no gênero, a agroindústria começou a ser construída em 1990, contando para isso com a participação do BNDES e outros órgãos financiadores mais recursos próprios que totalizaram um investimento de 12 milhões de dólares entre equipamentos, obra civil e capital de giro. A parceria resultou em 11 mil metros quadrados localizados próximos a Cotrijuí na Avenida Porto Alegre, sediando as unidades de beneficiamento de aveia e cevada e a unidade de beneficiamento de milho.

COMPETITIVIDADE - "Mesmo partindo de zero, a Cotrijuí construiu uma indústria altamente competitiva, utilizando-se da melhor tecnologia existente no mundo inteiro, assinala o gerente da agroindústria Robin Bahr referindo-se a opção da cooperativa em se servir de equipamentos fornecidos pela empresa Suíça Bühler. Contando com equipamento, treinamento e assistência técnica de alta qualidade, a agroindústria, assegura Robin Bahr, se coloca como uma das mais modernas e certamente como a única no gênero em toda a América Latina.

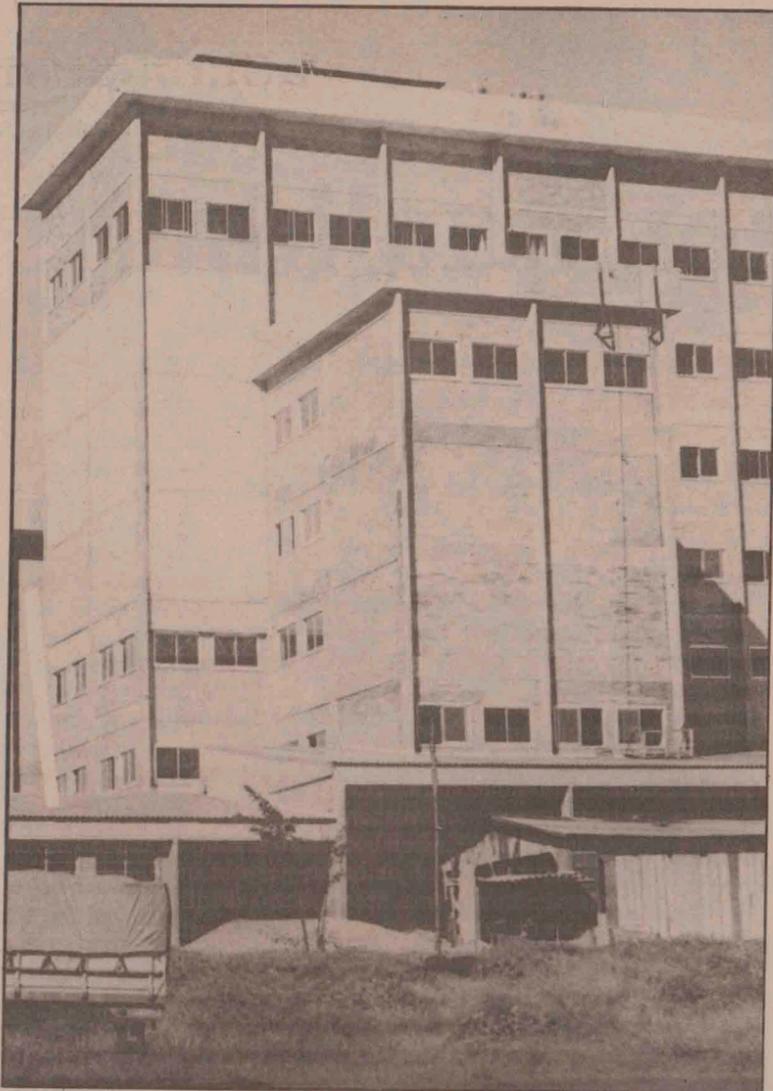
Dinâmica, a indústria que veio valorizar a produção regional, pode trabalhar sete cereais. "Mas suas matérias-primas básicas são o milho, a aveia e a cevada", explicou o gerente aos inúmeros visitantes, salientando o forte embasamento de mercado que norteia um empreendimento com capacidade de beneficiar 45 mil toneladas de milho e dez mil toneladas de aveia e cevada por ano. Diariamente poderão ser beneficiadas 160 toneladas pela unidade de milho e 36 toneladas pela unidade de aveia e cevada, quando trabalhando a toda sua carga de 24 horas por dia.

Operando recentemente, a unidade de aveia já está colocando no mercado aveia em flocos e farinha de aveia, duas modalidades entre os 22 produtos que podem ser beneficiados nas suas instalações como as farinhas, flocos e grãos de cevada, de ervilha, de painço, arroz, trigo e centeio. Todos eles, informa o gerente, são beneficiados conforme a necessidade apontada pelo mercado.

Na unidade de milho as opções de beneficiamento também são inúmeras. Nesta unidade que se divide em dois setores, o de moagem é de pré-cozidos,

poderão ser processados 18 produtos. O primeiro setor é responsável pela produção de canjicas, gritz para cervejarias e para extrusão, farinhas, germen e farinha zootécnica, enquanto o segundo abrange a produção de flocos e farinha pré-cozida, farinha inativada de milho, farinha e flocos de arroz, flocos e farinha integral de trigo e centeio.

VERSATILIDADE - Depois de apresentar o fluxograma das duas unidades aos visitantes, Robin Bahr chamou atenção ainda para uma grande característica deste investimento, que é o poder de versatilidade conferido pelo seu padrão tecnológico. No caso do milho, essa versatilidade é ainda mais significativa, disse o gerente, mostrando a possibilidade operacional de oito combinações diferenciadas, apropriadas ao que determina cada momento do mercado e propor-



Agroindústria de cereais
Tecnologia para a produção de alimentos



Aveia em flocos Cotrijuí
No mercado varejista, caixas de 250 e 500 gramas ou em embalagens de polietileno de 250 gramas



O gerente Robin Bahr, ao lado do vice-presidente Euclides Casagrande, explica o processo de flocagem aos visitantes

cionadas pelo processo de degerminação semi-úmida, "escolhido justamente para dar maior qualidade e maior rendimento industrial e ainda conseguir um produto diferenciado". Em fase final de ajustes, a unidade de milho, anunciou Robin Bahr,

deve entrar em teste agora no mês de agosto.

A preocupação em aglutinar qualidade e versatilidade sustenta um projeto voltado para um mercado amplo e diversificado. Segundo o gerente, os mais

de 40 produtos obtidos pela agroindústria estão direcionados ao mercado varejista, industrial - como os fabricantes de sucrilhos, corn flakes, snacks - salgadinhos -, polentas, entre outros - e também o mercado institucional através de programas governamentais. Além disso, soma-se a todas essas opções, a utilização dos subprodutos como a farinha zootécnica, cascas de aveia e cevada totalmente aproveitadas pela fábrica de ração onde contribuem para a formulação de um produto mais nutritivo e de melhor qualidade.

A agroindústria da Cotrijuí tem uma previsão de receita de 24 milhões de dólares por ano, gerando 100 empregos diretos. A partir da sua atuação, também se abre caminho para um possível geração de novas indústrias na região.

RAÇÕES COTRIJUI

Maior qualidade pela granulação

Cotrijuí investe na peletização da sua ração, buscando melhorar o valor nutritivo do produto

Melhorar ainda mais a qualidade das Rações Cotrijuí. Com esta proposta a Cotrijuí vem investindo, desde o mês de junho, num novo sistema de processamento da ração que já vinha fabricando, aliando, desta forma, um produto de maior valor nutritivo a uma nova opção colocada à disposição dos produtores associados. O novo sistema, chamado de peletização e que na verdade não tem nada de novo, nada mais é do que um processo industrial pelo qual a ração é compactada e transformada em grânulos. O processo de compactação leva a um aumento da densidade da ração. "Cada grânulo leva em sua composição todos os nutrientes necessários para a alimentação dos animais", explica o chefe da Fábrica de Rações Cotrijuí, João Adolfo Klohn. Através dos grânulos, os animais consomem a quantidade necessária em menos tempo, "mas com a garantia de estarem consumindo todos os nutrientes necessários", assegura.

Mas por que peletizar a ração que vinha sendo fabricada sob a forma de farelo? A proposta vem atender a uma antiga exigência do quadro social, justifica João Klohn, aproveitando para apontar uma série de vantagens da ração peletizada sobre a farelada e que levou a Cotrijuí a se decidir pela implantação e colocação em funcionamento do novo sistema. Deixa claro, no entanto, que trabalhar com rações peletizadas não significa que a cooperativa vai deixar em definitivo de produzir as rações fareladas, como vinha fazendo até agora. "Por enquanto vamos trabalhar com os dois tipos de rações para atender, da melhor forma possível as necessidades do quadro social", avisa.

AS VANTAGENS - Entre as vantagens apontadas e que favoreceram a opção pela implantação do processo de peletização, o João Klohn coloca a condição que a ração peletizada oferece de impedir a desmistura no transporte a granel, no manuseio e na estocagem, o aumento do peso específico da ração que ocorre sempre que a indústria trabalha com produtos volumosos e redução nos custos de embalagens e transporte, melhor deslocamento do produto nos comedouros e aumento da energia devido a compactação da ração. O aumento e melhora da digestibilidade da ração que ocorre em função da pré-gelatinização do amido, resultante do processo de granulação, é outra vantagem a

ser computada na hora da escolha e compra do produto.

Associa-se a estas vantagens, o fato da ração peletizada possibilitar ao animal um consumo mais rápido e, em menor tempo. Mas esse procedimento não significa que ele esteja deixando de comer todos os nutrientes necessários para a sua dieta alimentar. A ração peletizada também evita a possibilidade, por parte de algumas espécies de animais como aves, por exemplo de, na hora do consumo, fazer a seleção das partículas mais atraentes em detrimento do farelo.

APROVEITAMENTO - A utilização dos subprodutos da agroindústria na composição das rações, também somou na decisão da Cotrijuí de implantar uma unidade peletizadora para rações. É o caso de subprodutos de aveia e milho, "de alto valor biológico, especialmente para animais ruminantes" e que, se não forem utilizados em rações granuladas, não caberiam num saco de 25 quilos devido seu baixo peso específico.

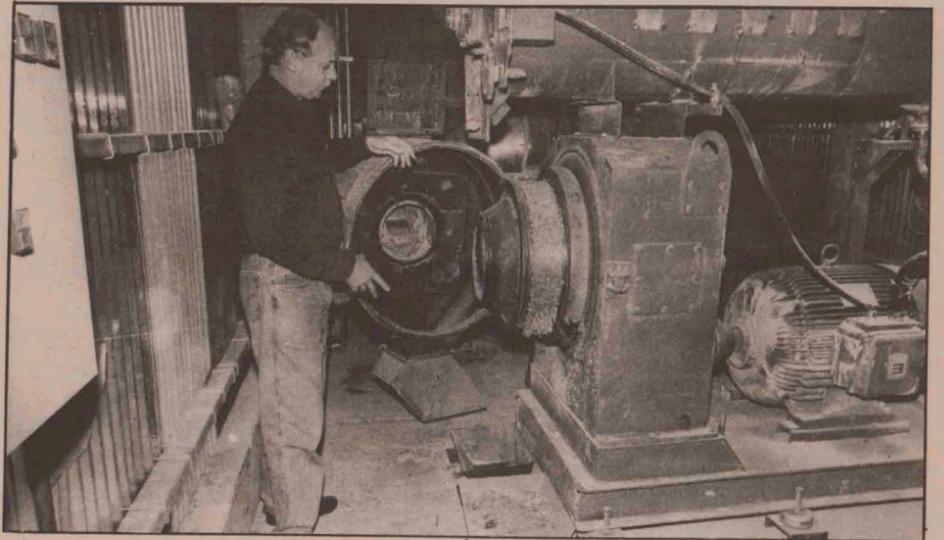
Consolidada essa primeira fase, a meta da cooperativa, de agora em diante, é partir para uma complementação do processo de peletização através do aumento do nível de energia na ração. Esse processo acontece através do engorduramento da ração, ou seja, da adição de gordura animal ou vegetal. "Em princípio, explica João Klohn, a proposta da Cotrijuí é a de usar gordura animal, subproduto disponível no frigorífico São Luiz Gonzaga.

"Nesta fase inicial vamos trabalhar com as duas alternativas, mas o que a Cotrijuí deseja realmente é que o produtor tire o máximo de proveito da ração peletizada", explica. Num segundo momento, pretende transformar toda a ração para bovinos e suínos em peletizada. Mas enquanto o processo não se consolida em definitivo, a Fábrica de Rações vai continuar colocando no mercado, à disposição do seu quadro social e do consumidor regional, rações para suínos, nas fases de lactação, crescimento e terminação nas duas alternativas. As rações pré-inicial e inicial já estão sendo oferecidas apenas na forma peletizada.

Para bovinos, tanto de corte como de leite, está sendo oferecido apenas a ração peletizada. Já os criadores de aves contam com as duas alternativas e os piscicultores apenas com a ração peletizada. Para mais adiante, a Cotrijuí tem

como meta trabalhar com rações peletizadas para cavalos e ovinos.

A prensa peletizadora tem capacidade nominal para processar 10 toneladas por hora ou 80 toneladas/dia. "Por enquanto, diz Klohn, este volume é suficiente para atender a demanda regional. O custo adicional da ração peletizada sobre a farelada é de até dois por cento. "Mas este é um custo que pode muito bem ser absorvida pelo ganho obtido na conversão alimentar que pode



João Klohn e a peletizadora Rações com maior volume nutritivo

chegar até cinco por cento", acredita. A princípio, a ração peletizada deverá ser comercializada apenas entre os associados da Cotrijuí e produtores

consumidores da região Noroeste do Estado. O produto está sendo comercializado em embalagens de 25 e 40 quilos. Mas o produtor também pode adquiri-la a granel.

AGORA VOCÊ JÁ TEM UMA NOVA OPÇÃO.



Scorpion

Herbicida

PROTEÇÃO NA SOJA.

Scorpion* é a nova opção do produtor de soja no controle de plantas daninhas de folhas largas. Herbicida de amplo espectro, Scorpion* apresenta elevada seletividade para a cultura da soja e grande eficiência tanto em aplicações em PPI, quanto nas aplicações pré-emergentes das plantas daninhas e da cultura, podendo ser usado com Treflan* no controle complementar de plantas daninhas de folha estreita.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

DowElanco

DOWELANCO INDUSTRIAL LTDA. R. Alexandre Dumas, 1671 - 4º andar - ala C
CEP 04717-903 - Chácara Santo Antonio - São Paulo
Tel.: (011) 546-9100 - Fax: (011) 546-9181 - Telex: (11) 53229 DOWQ.BR

Scorpion

Herbicida

PROTEÇÃO NA SOJA. SEGURANÇA NA ROTAÇÃO.

GERENCIAMENTO AGRÍCOLA

Acordo de cooperação

Epagri e Cotrijuí assinam convênio de cooperação na área de gerenciamento agrícola para avaliar propriedades da região

um mercado cada vez mais exigente e competitivo, também requer especialização "e esse é um fato que o produtor ainda não assimilou por completo".

O COMEÇO COM A

ACARESC - O trabalho de gerenciamento agrícola que vem sendo conduzido pela Epagri de Santa Catarina começou há cerca de 10 anos, pela Acaresc. O começo foi difícil "e o trabalho desacreditado,

pois fazer contabilidade, registros e reuniões, parecia ao produtor uma perda de tempo", relembra.

Com o passar do tempo, os próprios agricultores foram percebendo que sabiam plantar, mas não

sabiam produzir, decidir e nem comercializar. Em resumo, faltava administração", diz o pesquisador comemorando a aceitação do trabalho por parte do agricultor catarinense.

A Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão Tecnológica - Epagri - de Santa Catarina, firmou, com a Cotrijuí, um acordo de cooperação na área de gerenciamento agrícola. Pelo acordo, que deverá ter uma duração de dois anos, a Epagri está cedendo a Cotrijuí um programa - software - de contabilidade agrícola. "Esse programa, informou Élio Holtz, engenheiro agrônomo e coordenador do Programa de Gestão Agrícola da Epagri, tem como finalidade melhorar a assistência gerencial das propriedades rurais e ainda auxiliar a própria cooperativa a orientar o seu trabalho de assistência técnica a nível de produtor".

Élio Holtz e o engenheiro agrônomo Pedro Paulo Sieski estiveram em Ijuí orientando o economista rural Luís Juliani e o engenheiro agrônomo Francisco Traesel sobre a condução do novo programa. A característica de atividade braçal levou a agricultura a novo processo, onde a tomada de decisão é fundamental para o alcance de uma receita positiva. "A agricultura envolve um processo decisório muito forte", disse Élio Holtz referindo-se a significativa diferença "já comprovada", que existe no resultado final de produtores que trabalham com gerenciamento agrícola e aqueles que ainda continuam insistindo em ignorá-la.

REPLANEJANDO - O gerenciamento agrícola é importante, segundo o pesquisador, porque está constantemente analisando e replanejando a propriedade. Disse que a busca de informações, de orientações e de esclarecimentos deve ser encarada pelo produtor como uma atitude inteligente e profissional. "O bom agricultor é justamente aquele que busca informações e aceita críticas", foi claro.

O gerenciamento agrícola, segundo Elio Holtz melhora a eficiência porque vai às origens dos problemas, "principalmente daqueles que dependem do produtor", disse lamentando que o produtor, ainda hoje, perca tanto tempo reclamando de preços. "Essa é uma variável que não depende de uma decisão do produtor nem na compra e nem na venda da sua produção. É uma variável que depende de mercado", considera, colocando como fundamental, neste caso, a iniciativa do produtor em buscar outras saídas que possam amenizar essa variável. Uma destas seria produzir o que o mercado exige: qualidade. Mas Holtz reconhece que produzir qualidade dentro de

A DuPont Produtos Agrícolas acaba de colher o que ela plantou todos esses anos!



A fábrica de Produtos Agrícolas da DuPont no Brasil, em Barra Mansa, acaba de receber um certificado internacional de qualidade: o ISO 9000. Isso significa que a fábrica está operando dentro dos mais altos padrões de qualidade. E, com certeza, significa que, ao comprar um produto DuPont, você está adquirindo um dos melhores do mundo na categoria. Ou seja, a DuPont conquistou o certificado, mas quem sai ganhando com isso é você.



DuPont Produtos Agrícolas

MILHO

Planejar para colher

O milho, que vem sendo considerado pelos especialistas como a cultura a revolucionar a agricultura brasileira, foi passado a limpo em três momentos diferentes na região. O primeiro momento foi marcado por debates em pequenos grupos, nos núcleos do interior de Ijuí. O milho na rotação de culturas, manejo e aspectos práticos da cultura marcou o segundo momento promovido pela Cotrijuí, Unidade de Ijuí e que teve a participação dos pesquisadores da Fundacep de Cruz Alta, José Ruedel e Ciro Petrese e do agricultor Cláudio Macagnan. O encontro ocorreu no dia 27 de junho, na Afucotri de Ijuí

Uma idéia mais abrangente da importância do milho no plantio direto e na rotação de culturas foi passada aos produtores e técnicos presentes ao encontro pelo engenheiro agrônomo e pesquisador da Fundacep/Cruz Alta, José Ruedel. Falou do momento vivido pelo setor primário, "de crises e questionamentos" e disse que é hora do produtor se conscientizar da necessidade de partir para um planejamento em torno da rotação de culturas, seja ela no plantio direto ou no convencional. Fora deste planejamento, não vê como o produtor possa sobreviver. "O produtor precisa planejar a integração de práticas, de culturas e de criações para puxar a receita para cima", assinalou, lembrando que longe vai o tempo em que a propriedade podia ser encarada através de culturas isoladas.

Dentro deste novo retrato que se faz de uma propriedade, onde o conjunto de atividades praticadas é quem deve fazer a receita, Ruedel destacou a importância de uma cultura ou atividade puxar a outra. Mas avisou que esta é uma questão que o produtor, antes de começar a plantar, precisa ter muito claro. Uma das questões a saber, por exemplo, é em quanto a soja pode influenciar o milho ou o milho pode influenciar a soja e de que forma o animal pode contribuir dentro deste sistema.

PLANEJAMENTO PRÉVIO - Para José Ruedel, plantio direto na palha é sinônimo de planejamento prévio a partir do outono/inverno, o melhor período para o produtor começar a cobrir o solo com seqüências de culturas. "Tudo deve ser planejado num período de 5 a 6 anos", disse o pesquisador, para quem palha na lavoura é rotação de culturas. "A palha é a base de sustentação do solo", foi claro, pois além de evitar a erosão, ameniza o impacto da gota d'água.

A diferença entre o plantio direto e o convencional está justamente na palha, explicou Ruedel, mostrando dados de pesquisa que apontam ser necessários quatro toneladas de palha por hectare para que a erosão seja neutralizada e ocorra o máximo de infiltração de água no solo. Um outro dado apresentado, recolhido de um estudo realizado no Paraná, mostrou os efeitos de uma chuva de 60 milímetros sobre o solo. De acordo com o estudo, dentro do sistema de plantio direto, essa chuva infiltrou 56 milímetros. Mas numa superfície sem palha, o efeito foi completamente diferente. A mesma intensidade de chuva infiltrou apenas seis milímetros. "Quem vai conter a erosão e fazer a diferença é justamente a palha", observou, colocando ainda a questão da evaporação da água, "muito menor em caso de solo coberto".

Menor incidência de invasoras na lavoura, no caso do sistema de plantio direto, é outra vantagem apontada e que o produtor precisa analisar melhor. "A luz não batendo no solo e o solo não sendo remexido, vamos ter menos invasoras do que no plantio convencional", explicou o pesquisador, colocando ainda como ponto positivo o fato do solo, se apresentar com mais densidade, com menos porosidade e com maior infiltração.

Considerando que o plantio direto é um sistema calcado em cima da palha e que



O encontro
A presença de produtores, técnicos e estudantes na discussão do milho com importante alternativa de rotação de culturas

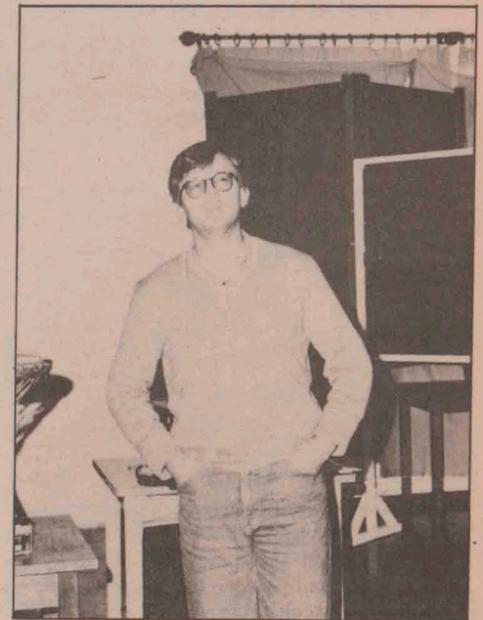
a palha é sinônimo de rotação de culturas, José Ruedel indicou, como culturas produtoras de volumes de massa, as aveias branca e preta, o nabo forrageiro e a colza e ainda as leguminosas tremoço e ervilhaca. Disse que essas culturas também se destacam como supressoras de invasoras, "atuando na contenção da germinação e no crescimento destas".

A OPÇÃO PELO MILHO - O produtor que quiser palha na lavoura, não pode esperar que ela venha da soja ou do trigo, foi claro Ruedel. Disse que quatro toneladas de palha não saem de nenhuma destas culturas, pois a soja, por exemplo, não fornece nem 60 por cento desta necessidade. Mas o produtor que plantar aveia com estas intenções, poderá chegar a sete toneladas de palha por hectare. Para o verão aconselhou o plantio do milho, "uma cultura que possui três vezes mais o potencial de produtividade que a cultura da soja, quando cultivado nas mesmas condições". A produção de palha, soma-se a produção de grãos. Comparando dados, mostrou que a soja deixa de duas a três toneladas de massa sobre o solo, enquanto que o milho pode deixar até 10 toneladas. "Essa condição faz do milho uma importante alternativa".

Alguns estudos de alternativas para rotação de culturas e seus resultados, que vêm sendo feitos a nível de país, foram apresentados como opções que podem dar certo na região. O primeiro exemplo mostrou o plantio do tremoço em um terço da área de cultivo. Em cima deste tremoço, colocar milho no verão. No segundo exemplo, também em um terço de área, sugeriu colocar a aveia e, em cima dela, plantar a soja no verão. E, por último, plantar a cevada, o centeio e o trigo. No verão, cultivar nesta área a soja. De acordo com Ruedel, dentro deste esquema estarão sendo cumpridas duas funções: a de quantidade e a de interligação de culturas. Essa interação vai possibilitar a produção de seis toneladas de massa seca por hectare. "Mas este é um trabalho que deve começar no inverno", lembrou, insistindo na necessidade de palhada na lavoura. Disse que plantio direto sem cobertura ou com palhada mal feita de trigo ou com cobertura mal conduzida de qualquer outra cultura de pouco adianta. Neste caso,

foi taxativo, é preferível um plantio convencional bem feito, com rotação de culturas.

"A soja já não é mais a rainha", disse o pesquisador para quem ainda torce o nariz quando o assunto é o plantio direto e tampouco acredita em rotação de culturas. Disse que o produtor precisa levar em consideração que não é apenas a erosão de suas terras que está em jogo, mas também as muitas doenças que especialmente na safra passada promoveram muitos replantios e trouxeram tantos prejuízos. Para confirmar suas palavras, nada mais real do que os 12-15 sacos de soja que os produtores vêm colhendo em média contra uma produtividade de 45-50 sacos de alguns anos atrás. "E por que essa produtividade que vem enterrando tantos agricultores? quis saber o pesquisador. Na ponta, as doenças. Depois as pragas. Uma experiência feita na região de Cruz Alta pela própria Fundacep e mostrada pelo pesquisador, retratou essa situação. Em uma área de soja, que, há dois anos vinha sendo liquidada pelo tamanduá, foi plantado milho no verão e aveia no inverno. Essa área não só saiu do vermelho, produzindo uma média de 50 sacos de soja por hectare, como conseguiu se livrar das

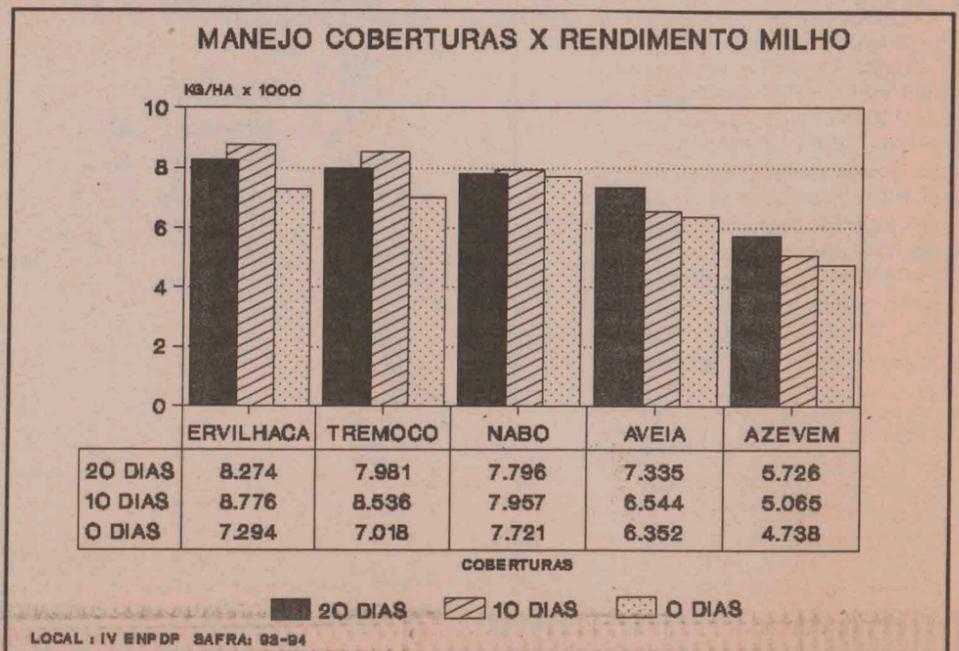


José Ruedel

pragas. "É isso que a cultura do milho está fazendo", simplificou.

A INFLUÊNCIA DO MANEJO - O manejo das coberturas é importante no rendimento final, tanto do milho como da soja. Trabalhos realizados pela Fundacep e apresentados durante sua palestra mostraram resultados completamente diferentes, "segundo o manejo de cada cobertura antecessora".

Um dos trabalhos mostra que a rolagem da ervilhaca aos 20 dias antes da semeadura do plantio do milho, resultou num rendimento final de 8.274 quilos por hectare - conferir o gráfico. A rolagem aos 10 dias antes da semeadura do milho elevou o rendimento final do milho para 8.776 quilos por hectare. A maior produção de milho em cima da aveia ocorreu justamente quando o manejo foi feito 20 dias antes da semeadura. A produção, neste caso, chegou a 7.335 quilos por hectare. Segundo Ruedel, não resta a menor dúvida que a melhor cultura para anteceder o milho é a ervilhaca, "seguida pelo tremoço". Mas é importante que o produtor observe o manejo", insistiu.



Do grão, a qualidade da ração

Qualquer tentativa de melhoria na qualidade da ração passa, sem qualquer dúvida, pela melhoria da qualidade do seu principal componente, que é o milho. A afirmação foi feita por Flávio Lazzari, da Universidade Federal de Curitiba, em palestra realizada durante o Seminário Técnico Mercadológico do Milho. "Da qualidade desta matéria prima, vai depender a qualidade da ração produzida", observou Lazzari, sem deixar de apontar no milho como a cultura a mudar a agricultura brasileira nos próximos anos. Apesar desta aposta, o reconhecimento de que os problemas ainda são muitos, especialmente no que se refere a colheita e a armazenagem.

De forma minuciosa, o palestrante explicou que a qualidade do milho é representada pelo germe do grão, "onde está localizada a proteína". Então, se o grão se apresentar contaminado por toxinas, não se presta para o consumo animal, "embora o produtor faça pouco caso desta situação". Na verdade, o que o produtor precisa fazer é dispensar a colheita e armazenagem do milho a mesma atenção que dispensa a outros produtos. "Milho com 22 por cento de umidade, numa temperatura de 22 a 30 graus centígrados, se apresenta como um excelente substrato para o desenvolvimento de fungos", avisou. E milho com fungo é produto com qualidade alterada. O consumo diário de matéria seca por fungo é semelhante ou até superior ao consumo de matéria seca proporcionado por um inseto. Além de consumir essa matéria seca, o fungo tem a capacidade de produzir toxinas, envenenando o produto para o consumo animal.

A atividade fúngica está relacionada com a umidade e a temperatura do ambiente", explicou Lazzari procurando chamar a atenção para as condições de armazenagem, "fundamentais para o processo de deterioração do produto". Lamentou que o produtor ainda ignore esses problemas e disse ser comum encontrar animais de leite se alimentando com espigas de milho avermelhadas, "completamente contaminadas por toxinas". Estas toxinas são cancerígenas e se transferem para o leite. Observou que o problema é sério, especialmente no Sul do Brasil, onde se sabe que existem matrizes com problemas de infertilidade causada pelo consumo destas toxinas. As toxinas podem ser produzidas antes e durante a colheita. Os prejuízos são grandes e podem ser medidos, segundo o pesquisador pela não conversão do alimento em carne. "O mais preocupante são os resíduos que ficam no produto", complementa. Essa é uma preocupação que já passa pela cabeça dos japoneses, europeus e árabes, "nosso compradores de carne", assinalou tentando mostrar a gravidade da situação e os prejuízos econômicos e transtornos que o milho contaminado pode ocasionar.

SISTEMAS DE CONTROLE - Lazzari lamentou a lentidão das empresas brasileiras no sentido de criar e desenvolver um sistema de controle de qualidade das matérias-primas. "Estamos abandonando essa área e andando preguiçosamente no sentido de colocar nossa equipe técnica para pesquisar e desenvolver

sistemas de controle que sejam capazes de reduzir essa vulnerabilidade que tanto nos incomoda e nos traz prejuízos", criticou associando matéria-prima de qualidade a ração de qualidade e rendimento de carne. Um milho de baixa qualidade não só vai interferir na qualidade da ração como também no desempenho dos animais.

Flávio Lazzari reconhece que a qualidade é complexa e exige que cada etapa seja muito bem administrada. Mas não vê outra forma de se chegar a um produto final competitivo. Por esta razão, bombardeou tanto a questão do armazenamento do produto, "apenas uma das etapas de todo o processo" e colocou como exemplo a lamentar, o fato de, por falta de controle e conhecimento de armazenagem, lotes de milho bom sejam misturados com lotes contaminados. O caso da colheita é outro que merece mais atenção. Ela também oferece condições para a contaminação do produto.

Ao insistir e bater tanto em cima da armazenagem, Lazzari quis mostrar como um pequeno descuido ou uma etapa mal conduzida, pode estragar todo um trabalho. Mas avisou que de nada adianta uma boa estrutura de armazenagem se não existir um sistema de controle de insetos. "Precisamos de qualidade", foi claro, pois hoje o poder não está nas mãos de quem produz, mas de quem compra. Quem detém o poder é quem detém a informação e não o capital, pois de nada adianta ter capital e não saber usá-lo em tecnologia. E essa qualidade vem do plantio, do espaçamento da lavoura, da rotação de culturas, da colheita e da armazenagem. Se não for assim, de pouco nos adianta plantar um bom híbrido", resumiu.

Receita para colher bem

"A cultura do milho modificou nossa maneira de plantar a propriedade, tanto na parte técnica como na parte de gerenciamento", contou o produtor Cláudio Macagnan de Cruz Alta, ao relatar aos produtores a sua experiência com a lavoura de milho, rotação de culturas e plantio direto. O milho vinha sendo plantado na propriedade do produtor e agrônomo desde 1975, mas sempre pelo sistema de plantio convencional. As produtividades situavam-se entre 3.500 a 3.600 quilos por hectare, "quando tudo corria bem", explicou o produtor. Em 1986 começou o trabalho de rotação de culturas, "mas em pequenas áreas" e a fazer plantio direto. A área, nesse primeiro ano foi de 170 hectares. Atualmente, faz plantio direto em 50 por cento da área de milho. "A necessidade de rotação faz com que nós sistematizássemos a área para atender a necessidade da cultura", justificou.

O milho levou a propriedade de Cláudio Macagnan a um novo redimensionamento da mão-de-obra e dos equipamentos. O gerenciamento ganhou uma nova importância a partir de um planejamento inicial da área. "O milho é uma cultura que muda totalmente a nossa visão em relação ao plantio de trigo/soja ou aveia/soja", disse o produtor que hoje, em vez de plantar milho em outubro, novembro e dezembro, como fazia anteriormente, procura adiantar o plantio para o mês de agosto. Entende ser esta uma forma de melhor distribuir a necessidade de mão-de-obra a ser usada por ocasião da lavoura de soja. Em junho/julho, ele planta trigo e aveia; em agosto o milho, em setembro e outubro, outra leva de milho e a soja em novembro e dezembro. Em janeiro e fevereiro, volta a plantar milho. "A distribu-

ção das lavouras influem nos custos de produção", disse, insistindo na questão do melhor aproveitamento da mão-de-obra e do maquinário.

Antes de pensar no milho, Macagnan diz que o produtor precisa pensar numa cultura anterior, a ser cultivada no inverno. Ele tem usado a aveia pela produção de massa. Não aconselha o plantio do milho em cima da resteva da soja, "como muitos produtores ainda vêm fazendo". Diz que os 2.300 quilos de matéria seca por hectare que a soja oferece não são suficientes para o solo e que essa atitude, na verdade representa a falta de planejamento do produto. "O processo de decisão do produtor deve basear-se em planejamento", ensinou.

MANEJO - Cláudio Macagnan falou sobre a importância do manejo das culturas de inverno, "fundamental para o resultado final da lavoura de milho". Considera manejo inadequado como trabalho perdido e, por experiência, aconselhou o produtor a esperar uns 10 dias, após o manejo da cultura antecessora, para iniciar o plantio do milho. "Passar o rolo de facas e esperar alguns dias para fazer o plantio do milho é o melhor manejo na sua opinião. Também desconsidera o plantio de aveia sobre aveia, especialmente por problemas de doenças. Entende que este é um erro que precisa ser evitado, especialmente se o objetivo é uma boa cama de palha para o milho.

A cultura de cobertura também pode ser manejada através de pastoreio. "Por isso temos a pecuária", disse considerando essa opção como uma forma de fechar o ciclo dentro da propriedade e reduzir custos de introdução de culturas de cobertura no inverno. Após o manejo é deixar a aveia rebrotar para que forme massa suficiente para a introdu-

ção do milho. Tanto o milho como a soja, segundo constatou o produtor, vêm mostrando a campo que respondem muito bem quando pastoreadas. "Os resultados têm sido positivos", confirmou.

A questão da fertilidade da lavoura de milho é ampla e, segundo o palestrante e suas experiências, deve ficar associada a observações do agricultor com respaldo do técnico e da análise do solo. Na sua lavoura, contou que tem abusado do adubo a lanço ou do adubo a lanço em cobertura. Mas avisou que essa é uma particularidade da sua propriedade e uma decisão planejada. Cada produtor precisa analisar criteriosamente a melhor opção para a situação da sua propriedade embora acredite que, com boa vontade e muita criatividade, seja possível resolver todos os problemas e fazer as adaptações de acordo com as necessidades sentidas.

SUCESSO GARANTIDO - "O retardamento do plantio do milho pode colocar a lavoura em risco", alertou, referindo-se a problemas com pragas e doenças e colocando 90 por cento do sucesso da lavoura na dependência do plantio, da obtenção de um bom stand e na adubação. As sementes precisam ser escolhidas por resultados, "na nossa propriedade temos avaliados materiais", e não por folhetos. Uma boa regulagem e velocidade adequada da máquina - variando de 4 a 6 quilômetros por hora - vai proporcionar o stand de lavoura desejado e recomendado. "O sucesso do milho está no plantio", insistiu acreditando que, desta forma, o produtor já sai na frente, com vantagens para produzir bem, embora ainda tenha que administrar, mais adiante, um sério ponto de estrangulamento do processo produtivo do milho: o de regulagem da colheitadeira.

Uma boa colheita se faz com um bom começo.

Os fungos de solo que atacam as sementes são a primeira ameaça à produtividade da sua lavoura. Por isso o tratamento das sementes é tão importante. 'Captan' é o único que age sobre os fungos de solo. Tem ação de contato, adere perfeitamente às sementes e não afeta a nodulação da soja. Com 'Captan' 750 e 'Captan' Moly, você garante proteção segura. E o custo do tratamento é muito baixo, comparado ao que você ganha com o rendimento da colheita.

ZENECA Agrícola
AJUDANDO O AGRICULTOR A ALIMENTAR O MUNDO.

ATENÇÃO: Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (óculos, luvas, botas, máscara, etc.). Consulte um Especialista Agrônomo.

ZENECA Agrícola - sementes denominadas ICI Agrícola

FUNGOS CONTROLADOS POR CAPTAN 250 MOLY: Pythium sp e Rhizoctonia solani
FUNGO CONTROLADO POR CAPTAN 750 TS: Rhizoctonia solani

MILHO

Alternativa para o futuro

Preços, mercado, estoques, consumo, armazenagem, foram assuntos debatidos durante a terceira fase de discussão, durante o Seminário Técnico Mercadológico realizado na Sogi de Ijuí, no dia 8 de julho, organizado pela Ciba-Agro com o apoio da Cotrijuí e Associações dos Agrônomos de Ijuí. Presentes os palestrantes Carlos Henrique Cogo, da Agriplan, Robson Oliveira de Souza, da Fundacep/Cruz Alta e Flávio Lazzari, da Universidade Federal de Curitiba



Carlos Henrique Cogo

país -, da avicultura e da suinocultura. Estes setores, juntos, têm crescido, em média, seis por cento ao ano.

O aumento que ocorreu na produção de milho, passando de 20 para 32,3 milhões de toneladas não tem como justificativa, segundo Carlos Cogo, apenas a expansão da área, "mas especialmente em função da produtividade. Esse é o caminho do milho, acrescentou ainda entendendo ser esta a saída para o país resolver o problema da falta de produção. Para suprir as suas necessidades de consumo interno, o Brasil tem importado milho da Argentina, de onde vem 90 por cento do produto importado, da África do Sul e dos Estados Unidos, "os dois maiores exportadores mundiais".

A atividade suínica consome 16 por cento do milho brasileiro, a avicultura 30, por cento. As perdas no consumo rural chegam a quase 30 por cento da produção brasileira. Esse percentual, numa safra de 32,3 milhões de toneladas, representam 8,8 milhões de toneladas de milhos", destacou Carlos Cogo. É seis vezes mais do que o Brasil importa de produto por ano, representando um prejuízo de 1,2 bilhões de dólares. As perdas, segundo o palestrante, ocorrem durante a colheita mecanizada - neste caso elas variam de 8 a 9 por cento -, por despreparo do operador da colheitadeira, por transporte da lavoura para o armazém e por má armazenagem do produto na propriedade. "O produto vai ter que revisar o seu sistema de armazenagem na propriedade se quiser reduzir essas perdas", avisou.

Para quantificar melhor estas perdas e dar uma noção ao produtor do que ele está deixando de ganhar, Carlos Cogo apresentou um trabalho onde fez um comparativo. Com 1,2 bilhão de dólares, estão deixando de ser comprados 39 mil tratores, 16 mil colheitadeiras, 42 mil silos para armazenar o produto, 5,6 milhões de toneladas de adubo, 2,1 milhões de sacos de sementes de milho híbrido e 200 milhões de litros de herbicidas.

PRODUÇÃO E CONSUMO MUNDIAL - A produção mundial de milho cresceu em 1992, mas recuou em 1993 em função da quebra na safra americana, embora o consumo continue crescendo, puxado também pelo aumento no consumo da farinha de trigo, especialmente no Brasil. A quebra de 30 por cento na safra americana, além de ter

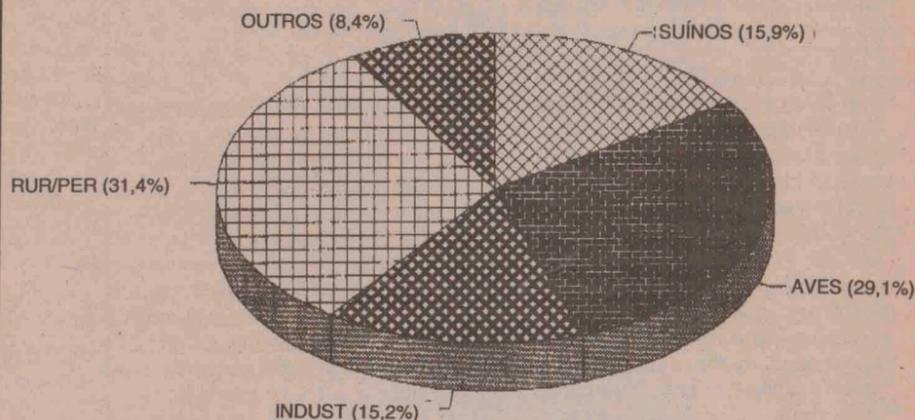
O milho é hoje a grande alternativa para a agricultura brasileira dos próximos anos. A afirmação foi feita pelo consultor e diretor da empresa Agricultura e Planejamento Agropecuário, Carlos Henrique Cogo durante palestra no Seminário Técnico Mercadológico de Milho. Ao vir até Ijuí para falar a produtores e técnicos sobre Aspectos Mercadológicos do Milho, Carlos Cogo, que é economista com especialização em Desenvolvimento Rural e Agroindustrial, disse que o milho cresceu no país empurrado por uma circunstância fundamental: a necessidade. As doenças na soja transformaram o milho em importante alternativa para rotação de culturas. A grande vantagem é que conseguiu superar essa obrigatoriedade e transformar-se numa alternativa econômica atraente. "De obrigatório na lavoura, como cultura alternativa a rotacionar com a soja, o milho transformou-se num produto com liquidez e boa rentabilidade. É um bom parceiro para a soja", completou.

Mais de um terço - 37 por cento - dos grãos produzidos no Brasil é milho. "O Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul tem a metade da produção brasileira de milho. A outra metade vem de Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso", informou o economista, ressaltando a concentração da produção do centro oeste para o sudeste do país. O Paraná é o estado que mais exporta milho. Seus principais compradores são os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

CRESCIMENTO - No ano passado, a área de milho no Brasil cresceu 14,9 milhões de hectares, "mas ainda existem espaços para o plantio, sem que haja necessidade de abertura de novas áreas", observou o palestrante, contestando a teoria de que o aumento na lavoura de milho significa menos área com soja.

A estimativa da safra brasileira de milho, para este ano, é de 32,3 milhões de toneladas. "O Brasil ainda não consegue produzir o milho que consome", informa. A produção interna não vem conseguindo acompanhar a disparada do consumo, "em rápido crescimento", especialmente em função de setores como o de rações - um dos que mais têm crescido no

MILHO: DEMANDA POR SEGMENTO SAFRA 1993/94



Fonte: AGRIPALAM

reduzido os estoques internos, promoveu um alta nos preços internacionais do milho. Cogo lembra que neste ano o milho entrou com um preço superior em 1 a 1,5 dólar ao do ano passado. A demanda firme e o uso do metanol na gasolina nos Estados Unidos elevaram esses preços, "que vai ajudar a elevar ainda mais o consumo", explicou.

Embora toda essa situação favorável, Cogo alertou para uma certa estabilização nos preços. "Não se pode esperar uma grande alta nos preços porque a safra americana de milho deverá crescer em 38 por cento. Além disso é preciso considerar que o ano é eleitoral e o governo não deverá permitir que haja grande alta nos preços dos produtos agrícolas", avisou, citando como exemplo as liberações "que já ocorreram", nos estoques de café, uma medida para segurar os preços. Tem certeza de que o governo não deverá vacilar em liberar estoques de arroz e milho, caso haja necessidade de segurar preços.

"Mas nem sempre vender por um preço maior é o melhor negócio", falou Carlos Cogo, tentando transmitir a idéia de que, daqui para frente, qualquer atividade agrícola terá de ser tocada com tecnologia, produtividade e muito senso empresarial. Isso tudo porque o governo não tem mais dinheiro para financiar a agricultura. "A fase do dinheiro barato encerrou", foi claro, ressaltando a necessidade do produtor se virar por conta própria ou buscar ajuda ao setor privado para fazer agricultura. Os 30 milhões de dólares que o governo aplicava na agricultura até 1979 não passam de 5,5 milhões em 1994. É uma responsabilidade que está ficando para as empresas de insumos, de máquinas e para as cooperativas", destacou, pedindo muito cuidado com a aplicação do dinheiro, caro e escasso, mas única forma da agricultura se tornar viável e lucrativa.

Gerenciamento rigoroso e novos níveis de produtividade. Estas são as palavras de ordem para estes novos tempos. Ressaltando a necessidade do produtor transformar-se num empresário rural, Carlos Cogo enumerou alguns

cuidados que podem reduzir os custos e evitar prejuízos e até elevar a receita. Começou pela necessidade de uma armazenagem bem feita. Disse que um produto bem armazenado não precisa ser vendido todo na safra. Uma parte, "em torno de 30 por cento", podem ser vendidos na entressafra, quando os preços são melhores.

Ainda dentro desta preocupação, sugeriu a semeadura eletrônica, "capaz de reduzir os custos desnecessários com sementes na lavoura, pois o produtor tem o hábito de usar 15 por cento a mais de semente na hora do plantio", e a manutenção da colheitadeira, uma forma de reduzir em até nove por cento as perdas durante a colheita. A diversificação, "com eficiência", foi apontada como uma das formas do produtor se ver livre do binômio trigo/soja.

Outra receita apontada pelo palestrante: medir os custos de produção. "O produtor deve saber o quanto está gastando para plantar", reforçou, colocando ainda a compra antecipada de insumos, quando o produtor deverá fazer seus negócios num período em que a relação de troca seja benéfica para o produtor. A essas medidas e cuidados, acrescentou a produtividade para somar-se ao todo um conjunto que pode contribuir para o produtor aumentar a sua receita na propriedade. Disse que é atrás de países como os Estados Unidos, que produzem 5.100 quilos por hectare, em média; a China, que produz 5.000 quilos e a Argentina, que produz em média 4.200 quilos por hectare que os produtores brasileiros têm que caminhar. "A nossa média ainda é de 2.700 quilos. Precisamos mudar essa situação porque é em cima destas médias que vão ser calculados os preços mínimos", observou.

Produtividade baixa é sinônimo de custo de produção elevada, como é o caso das regiões, onde o custo de produção de um saco de milho de 60 quilos anda perto dos 7 dólares. No Paraná ele é um pouco menor, 6,4 dólares, mas na Argentina chega a 5,1 dólares. São países que vão mandar, cada vez mais, nos preços do milho", alertou.

MILHO

Avicultura, o setor que mais cresce

A lavoura de milho no Brasil vem sendo puxada pela avicultura, um dos setores que tem crescido em média, 10 por cento ao ano

O Brasil tem a segunda maior avicultura do mundo. A nível interno, a avicultura de corte é o setor que mais consome milho, "puxando a produção para cima", observou Carlos Cogo ao falar sobre a produção de ovos e de carne de frango no Brasil. As 500 mil toneladas de carne produzidas em 1975 multiplicaram-se para 3,15 milhões em 1993. A produção de ovos é de 750 mil toneladas. Ovos e carne juntas contabilizaram no ano passado, uma receita de 9 milhões de dólares. Sozinho, o setor de avicultura representa 2,6 por

Da rotação ao plantio direto

O grande inimigo do plantio direto é ainda a cabeça do produtor, disse o pesquisador da Fundacep/Cruz Alta, Ciro Petreire ao falar, durante o Seminário do Milho, realizado no dia 27 de junho, na Afucotri de Ijuí, sobre o Milho na Rotação, sua importância, Manejo da Fertilidade e criticar a resistência que ainda persiste em relação ao sistema. Petreire destacou a importância da rotação de culturas dentro do sistema de plantio direto e apresentou alguns resultados de trabalhos realizados pela Fundacep avaliando o comportamento de diferentes tipos de coberturas verdes e seus efeitos sobre o rendimento do milho. A produção de massa verde e de massa seca destas culturas - aveia, ervilhaca, tremoço, ervilha forrageira, nabo forrageiro, entre outros - também foram analisados pelos produtores durante o encontro.

Dentro da questão rotação de culturas, Petreire falou da importância das coberturas consorciadas, como a da aveia com a ervilhaca, por exemplo. Mostrou a dificuldade de se estabelecer ervilhaca solteira, "em função da produção de sementes" e disse que a aveia neste consórcio, ajuda na sustentação da leguminosa e na reciclagem do potássio.

"A manutenção do solo coberto é apenas uma das preocupações", observou procurando chamar a atenção do produtor para um outro fator que não pode ser esquecido: a manutenção da água. "Se não tiver água no solo, pouco adianta colocar adubo", disse ainda pedindo um pouco mais de humildade por parte do produtor em reconhecer que precisa dispensar melhor atenção ao solo.

O PLANTIO DIRETO E A ROTAÇÃO - Ao comentar a diferença que existe entre plantio direto e convencional, Petreire

cento do PIB - Produto Interno Bruto - e 8 por cento do PIB agrícola. A avicultura foi ainda responsável pela geração de 1,5 milhão de novos empregos e pelo consumo de 12 milhões das 20 milhões de toneladas de ração produzidas em 1993. Tem 40 por cento da oferta de proteína e cresce, em média, 10 por cento ao ano. Em 20 anos, o consumo de carne de frango cresceu 800 por cento.

O Brasil exportava, na época, 3 mil toneladas de carne de frango. Hoje, exporta 430 mil toneladas e a projeção que vem sendo feita no Rio Grande do Sul, segundo dados revelados pelo palestrante, é de que o consumo se eleve, até o ano 2.000, para 3,6 milhões de toneladas. O consumo de ovos deve chegar a 20 milhões. "São dois produtos em franco crescimento", declarou Carlos Cogo relacionando esse crescimento com o poder aquisitivo do povo brasileiro "que está

preferindo uma carne mais barata". De dois quilos por pessoa, o consumo de carne de frango no Brasil evoluiu, de 1970 a 1993 para 20 quilos. Enquanto isso, o consumo da carne bovina vem caindo, "ficando praticamente restrita a uma classe mais privilegiada" e ao redor dos 18 quilos por pessoa.

O frango tem alto consumo e consegue atingir os 70 por cento dos 150 milhões de brasileiros que ganham até cinco salários mínimos porque soube atender a todas as camadas da população, esclareceu. O suíno fez ao contrário, preferindo agregar valor através da industrialização. "70 por cento da produção de suínos vai para a indústria, para a produção de carnes, salamis, bacon, entre outros. São produtos de alto valor", disse responsabilizando a industrialização do suíno pela não evolução do consumo de carne.

Mesmo tendo desenvolvido uma tecnologia avançada, o frango soube aproveitar uma fatia do mercado consumidor e segurá-la mesmo em tempos recessivos. Até 1986/89, segundo dados apresentados por Carlos Cogo, era possível comprar, com um salário mínimo, 49 quilos de frango. Hoje, mesmo com a queda no salário, se compra 51 quilos. E por que essa situação que tem tudo para ser inversa? "Por causa da tecnologia", respondeu Cogo dizendo ainda que,

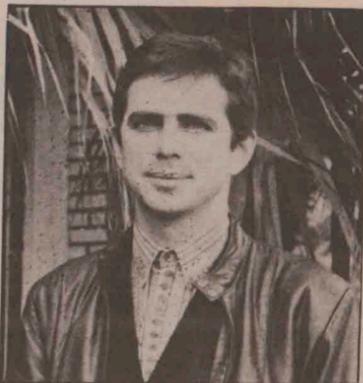
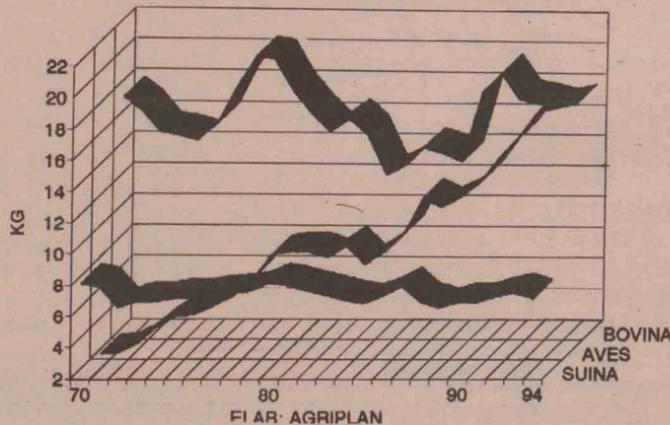
em cinco anos, o frango conseguiu reduzir o preço ao consumidor em 50 por cento.

O período da suinocultura não é tão bom como o da avicultura. Produz 1,2 milhão de toneladas de carne e exporta apenas 35 mil toneladas "com muitas dificuldades", consome seis milhões de toneladas de ração e tem apenas 12 por cento da proteína brasileira. Na Europa, o consumo de carne suína é de 39 quilos por pessoa. Na Polônia é de 36, nos Estados Unidos é de 30, no Japão é de 17 e no Brasil é de apenas oito quilos por pessoa/ano.

Até 1930, o frango levava 105 dias para ficar pronto. Consumia 3,5 quilos de ração para

chegar a 1,5 quilo de peso, "numa péssima conversão". Hoje o frango é abatido com 45 dias, fica com 1,94 quilo de peso e consome 1,96 quilo de ração. Para o ano 2.000, a projeção, segundo o economista, é de que o frango atinja 2,24 quilos em 41 dias, numa conversão de 1,78 quilo. "A avicultura brasileira é um setor de ponta da tecnologia", explicou. Para produzir 80 ovos por ano, uma poedeira consumia 4 quilos de ração - produzia um ovo a cada três dias. Uma poedeira consome hoje 1,5 quilo de ração e produz 304 ovos por ano. Para o ano 2.000, a projeção é que o consumo de ração caia para 1,4 quilo e a produção se eleve para 318 ovos por ano.

CONSUMO PER CAPITA DE CARNES BRASIL - KG/HAB/ANO



Ciro Petreire

lembrou que no primeiro caso, o produtor passa a trabalhar com dois fatores que não existem no segundo caso: a palha e os microorganismos. Os dois vêm da rotação de culturas, "sagrada para quem trabalha com plantio direto", disse o pesquisador, para quem de muito pouco adianta falar em rotação apenas durante o verão se no inverno o solo não estiver coberto com aveia, azevém, ervilhaca, trigo, colza. "Plantio direto, saiu ainda em defesa do sistema, não tem uma fórmula e nem é a solução para todos os problemas, mas é uma evolução a partir de um conjunto de idéias".

A rotação de culturas fundamenta a sua importância junto ao plantio direto pelo equilíbrio químico e biológico que oferece ao solo. "É claro, colocou ainda o pesquisador, que rotação de culturas e plantio direto vão exigir do produtor planejamento na propriedade. Esse planejamento vai ajudar o produtor entender melhor as mudanças que deverão ocorrer como também determinar com maior clareza os pontos de estrangulamento existentes na propriedade". Petreire ressaltou ainda como importantes dentro de um processo de produção, o tipo de solo, o sistema de rotação de culturas utilizado, a quantidade de nutrientes e a produtividade, "o fator de maior significação".

Terramicina®/LA

- Tratamento completo em dose única:
- Tristeza.
- Metrite/retenção de placenta.
- Podridão dos cascos.
- Conjuntivite.
- Ferimentos em geral.
- Síndrome de M.M.A.



- Protege os animais por muito mais tempo.
- Segurança.
- Qualidade Pfizer.

Para maiores informações escreva para a Pfizer ou consulte o Telemarketing
DDG: 0800 - 11 1919

© Copyright - Laboratórios Pfizer Ltda. - Maio 94 - Todos os direitos reservados.

A CERTEZA DO MELHOR RESULTADO.



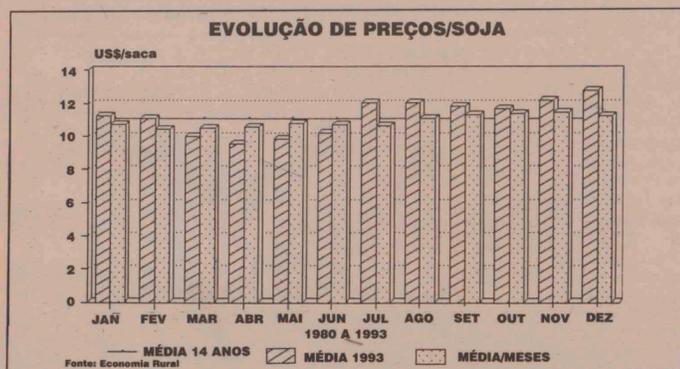
Laboratórios Pfizer Ltda.
Divisão Agropecuária
Av. Presidente Tancredo de A. Neves, 1111 - CEP 07190-916
Guarulhos - SP - Cx. P. 143 - CEP 07111-970
Tel: (011) 964-7444 Telex: 11-65131 Fax: (011) 964-7400

pfizer

ECONOMIA RURAL

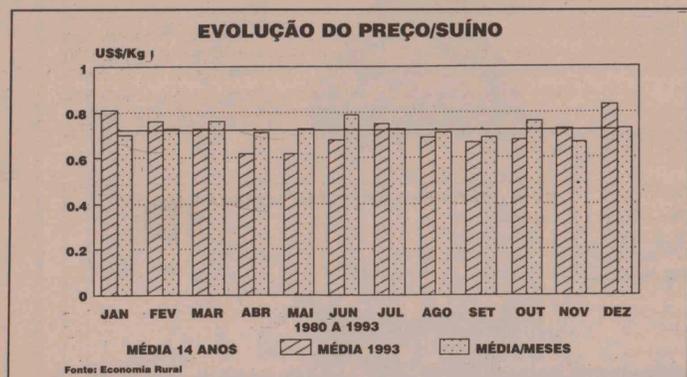
A melhor época para vender a produção

Escolher corretamente a época para vender a produção de soja, milho, trigo, tem se mostrado um bom negócio, embora esta decisão, na maioria das vezes, esteja amarrada a compromissos assumidos anteriormente pelo produtor e que precisam ser saldados logo após a colheita. Nestes casos, o produtor realmente tem ficado sem chance de escolha. Mas para quem pode reservar parte da sua colheita para vender mais adiante, quando o preço melhora, tem feito um excelente negócio. Muitas vezes a rentabilidade das atividades, seja agrícola ou pecuária, pode vir tanto da época acertada da venda da produção, como da época para aquisição dos insumos, quando é possível aproveitar os melhores preços. No caso da soja, por exemplo, os meses de setembro, novembro e dezembro, tem apresentado, no decorrer dos últimos anos, os melhores preços. A decisão de escolher a hora certa de vender a produção requer, por parte do produtor, informações e conhecimento de um mercado até certo ponto complicado. Mas assim como o produtor tem que ser eficiente na condução e administração da sua propriedade, hoje, mais do que nunca, precisa saber vender. A comercialização é apenas uma das partes da cadeia produtiva e, parte da sua rentabilidade vai depender dessa decisão. O trabalho apresentado a seguir, sob a forma de gráficos e ainda tendo como base o dólar e não o real, foi elaborado pelo Luís Juliani, da Assessoria de Estudos Econômicos da Cotrijui. Ele mostra as médias históricas alcançadas pela soja, trigo, milho, leite, suínos e bovinos nestes últimos 14 anos. Essas informações podem ser de grande valia ao produtor na hora de tomar uma decisão e escolher a melhor época para vender ou comprar.



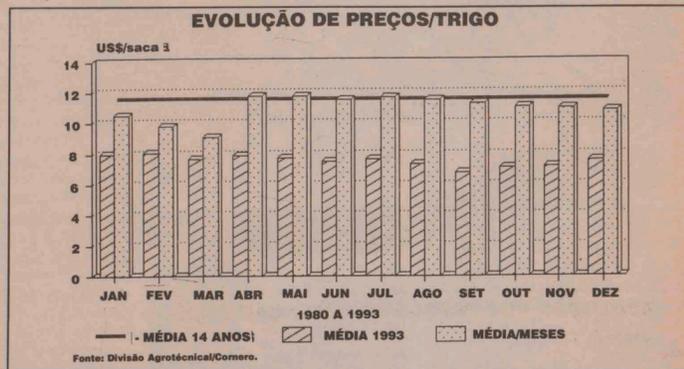
SOJA

O preço médio para a soja, praticado nestes últimos 14 anos, ficou em 10,90 dólares. O preço médio praticado em 1993, de 11,21 dólares, só foi batido pelas médias de 1983 - 12,51 dólares -, 1984 - 12,31 dólares -, 1988 - 13,75 dólares, a melhor média dos últimos 14 anos - e 1989 - 11,49 dólares. No ano passado, o produtor de poucas dívidas e que conseguiu segurar a comercialização da sua soja para mais para o fim do ano, ganhou dinheiro. Pois foi justamente em novembro e dezembro que os preços tiveram as melhores altas. Em dezembro, por exemplo, um saco de soja foi comercializado ao preço de 12,75 dólares. Quem vendeu em abril, por exemplo, não fez um bom negócio. O preço médio do mês foi de 9,52 dólares. Neste primeiro semestre de 1994, o melhor preço registrado até agora, ocorreu em janeiro, quando a soja foi comercializada por 12,63 dólares o saco de 60 quilos.



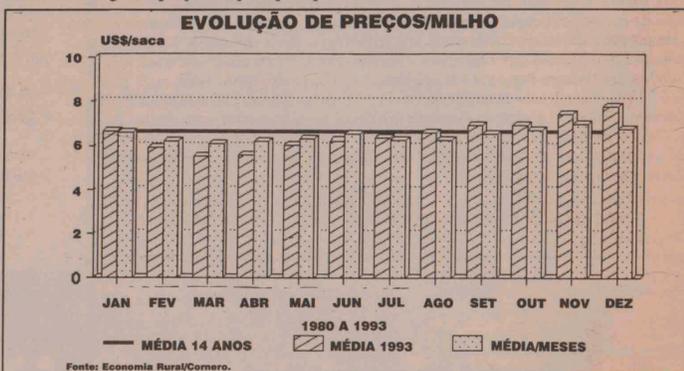
SUÍNO

A suinocultura vive momentos delicados, embora seja preciso admitir que o setor já teve de suportar preços ainda piores dos que vêm sendo praticados nestes últimos dois anos. Em 1991, por exemplo, os suinocultores tiveram que vender seus produtos por um preço médio de 0,58 cents de dólar. O preço médio praticado nestes últimos 14 anos foi de 0,72 cents de dólar. Essa média só foi puxada para cima porque 1989 foi um ano favorável para o setor, permitindo que os produtores pudessem compensar o preço médio de 0,66 cents praticado no ano anterior. Nesse ano gordo para a suinocultura, o preço médio foi de 1,13 dólares. Os preços voltaram a dar sinais de queda em 1990, quando a média caiu para 0,87 cents de dólar. Em 1991, ele caiu para 0,65 cents. O ano de 1993 não foi dos piores para o setor, registrando um preço médio de 0,71 cents de dólar/quilo. Em compensação, 1994 está deixando muito produtor preocupado com as contas. O melhor preço praticado nestes seis meses do ano ocorreu em janeiro - 0,72 cents de dólar. O preço médio do semestre é de 0,65 cents de dólar/quilo.



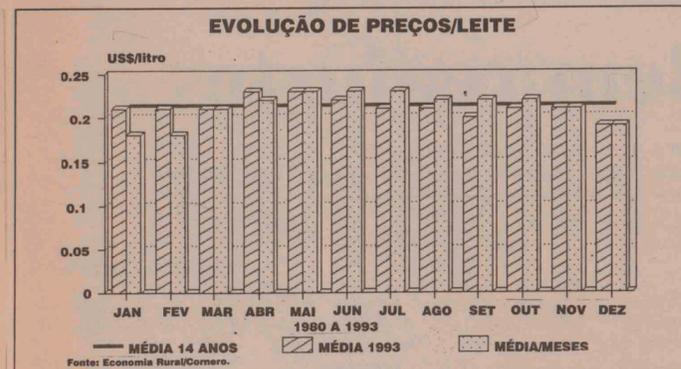
TRIGO

A falta de uma política de incentivo a triticultura nacional tirou o trigo da trilha da auto-suficiência, feito quase alcançado em fins da década de 80. Em vez de reconhecer o triticulor nacional pelos ganhos de produtividade que começou a alcançar na lavoura, o governo preferiu privilegiar as importações e os produtores argentinos ou canadenses. Dentro destas condições e sem produtividade para competir de igual para igual, o produto brasileiro perdeu o lugar. O preço pago pelo produto não agrada, deixando o produtor sempre a descoberto. Um saco de trigo vale, hoje, a metade do valor médio pago pelo produto no período de 1980 a 1987. Em 1991, por exemplo, o preço médio pago por um saco de trigo foi de 17,39 dólares. Até 1987, o preço médio ainda ficou acima dos 10 dólares por saco, baixando para 9,77 em 1988, 9,10 dólares em 1989 e 7,86 dólares em 1990. No ano em que o governo colocou em prática a sua decisão de privatizar a comercialização do trigo, o preço foi um desastre, fechando, na média, em 6,78 dólares - e, dezembro, a cotação média foi de 6,09 dólares. Em 1992, o preço mostrou sinais de reação e fechou o ano com uma cotação média de 8,27 dólares. Embora distante do preço médio de 6,78 dólares pagos em 1991, a média de 7,58 dólares pagos no ano passado, ainda está longe do preço desejado pelo produtor.



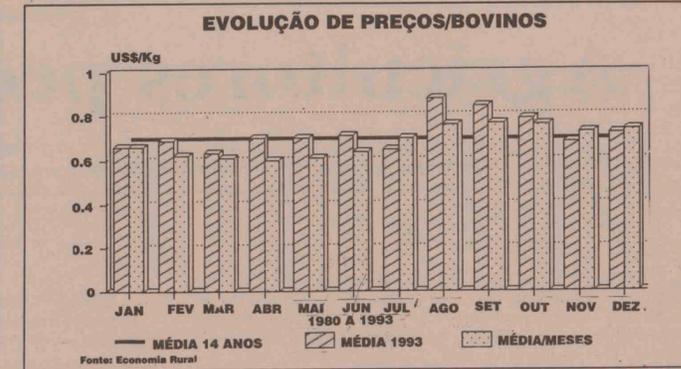
MILHO

Os produtores de milho puderam respirar mais aliviados em 1993. Os preços praticados no decorrer do ano podem não ter sido os melhores dos últimos 14 anos, mas superaram os desanimadores preços praticados em 1992. O preço médio praticado para o milho em 1993 foi de 6,5 dólares o saco de 60 quilos, ficando apenas 2,5 por cento abaixo da média dos últimos 14 anos, que foi de 6,67 dólares e superior em 14 por cento a média de 1992. O melhor preço registrado para o milho em 1993 ocorreu, a exemplo da soja, durante o mês de dezembro, quando a cotação chegou a 7,78 dólares. Neste ano, até o momento, o melhor preço para o milho foi praticado em janeiro, quando um saco de milho foi comercializado a 6,94 dólares.



LEITE

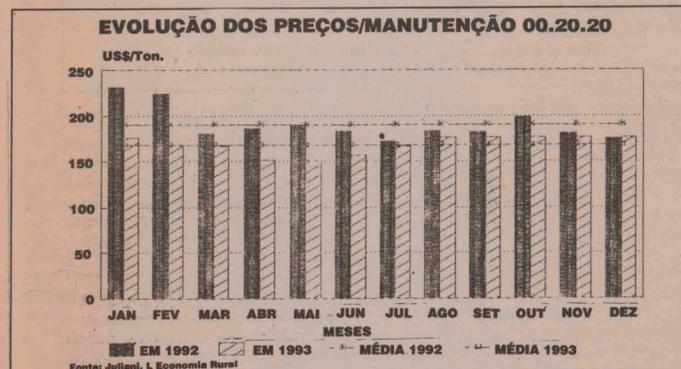
O preço médio praticado para o leite nestes últimos 14 anos foi de 0,21 cents de dólares/litro. Neste preço médio não está incluído o valor pago pelo leite extra-cota. Para efeito de cálculo, foi considerado o preço médio praticado entre os dias 1º e 30 de cada mês. O leite vem, de forma gradativa, tentando recuperar a sua performance alcançada a partir de 1987, quando o preço médio foi de 0,23 cents pelo litro, média essa bem superior a média de 0,17 cents alcançada durante três anos consecutivos - 1984, 1985 e 1986. O leite entrou a década de 90 com um preço médio de 0,23 cents de dólar. O ano de 1991 foi difícil para o setor. O preço médio do leite caiu para 0,19 cents de dólar. Mas o susto maior ocorreu em 1992, quando os produtores tiveram que suportar um preço médio de 0,18 cents de dólar. O preço voltou a melhorar em 1993, fechando o ano em 0,21 cents de dólar. O mês de melhor preço foi abril - 0,20 cents.



BOVINOS

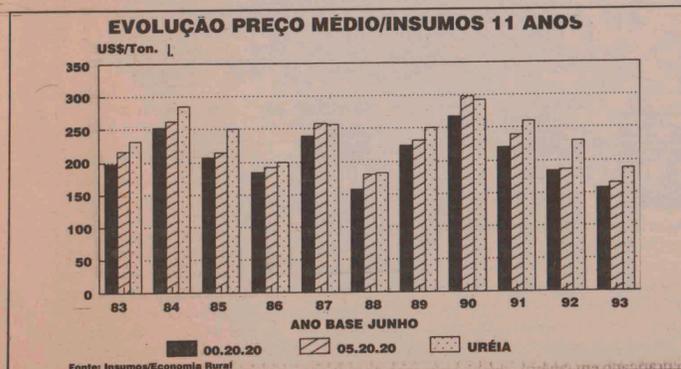
A bovinocultura entrou a década de 80 com o pé esquerdo. No decorrer destes últimos 14 anos até chegou a mostrar alguns sinais de melhora nos preços, mas não conseguiu recuperar em definitivo a sua antiga performance. Para um poder aquisitivo achatado, vivido pela classe trabalhadora, o preço da carne bovina ficou pesado demais dentro do orçamento doméstico. A saída do consumidor brasileiro foi apelar para o consumo de frangos, um setor que soube aproveitar a situação e crescer em mais de 800 por cento nestes últimos 20 anos. O preço médio praticado para o bovino, nestes últimos 14 anos, foi de 0,68 cents de dólar/quilo. Em 1990, o preço médio chegou a 0,85 cents, caindo em 1992 para 0,61 cents. Em 1993, o preço teve uma certa reação, fechando o ano com um preço médio de 0,73 cents. Para azar dos criadores, o ano de 1994 está sendo difícil. O melhor preço registrado até agora ocorreu em janeiro e março, quando a média fechou parêntese em 0,73 cents. Em compensação, o mês de maio fechou em 0,58 cents, puxando a média dos seis primeiros meses do ano para 0,67 cents de dólar.

Quando comprar os insumos



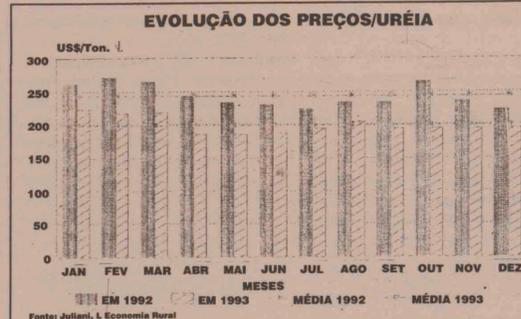
ADUBO 00-20-20

Abril, maio e junho têm sido os meses favoráveis para o produtor comprar adubo da fórmula 00-20-20. Nestes meses, os preços têm se mostrado em baixa. No ano passado, neste período, os preços médios praticados giraram em torno de 150 dólares a tonelada, quase alcançando os 200 dólares a partir de agosto. Mesmo assim, esses preços ficaram inferiores aos praticados, no mesmo período, no ano anterior. Quem comprou adubo em janeiro e fevereiro de 1992, deve lembrar muito bem do preço pago, quase 250 dólares a tonelada. Nestes últimos 12 anos, o preço da tonelada 00-20-20 só ultrapassou esse limite em duas ocasiões, 1984 e 1990. Em compensação, 1988 foi o ano de menor preço - 157,41 dólares a tonelada. O preço médio praticado em 1992 não chegou a 200 dólares a tonelada e o de 1993 foi ainda um pouco mais favorável.



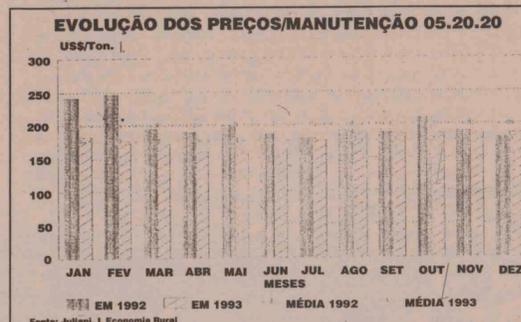
URÉIA

Os melhores meses para o produtor comprar uréia tem sido abril, maio, junho e dezembro. Nestes períodos os preços têm se mostrado mais favoráveis ao produtor em comparação com os praticados em janeiro, fevereiro, outubro e novembro. O gráfico retrata esta situação, mostrando ainda que, no ano passado, os preços da uréia sofreram redução em relação a 1992. Em maio de 1992, por exemplo, o preço de uma tonelada de uréia foi de 230 dólares, enquanto que, no ano passado, o mesmo produto pode ser comprado por menos de 200 dólares. Outra situação mostra que o preço da tonelada de uréia praticada em outubro de 1993 é 26,6 por cento inferior ao praticado em outubro do ano anterior. As próprias médias, também assinaladas no gráfico, também retratam esta realidade. A diferença de médias, de um ano para outro, é de quase 50 dólares.



ADUBO 05-20-20

Usar adubo 05-20-20 nunca foi tão caro como em junho de 1990. Uma tonelada de adubo, nesta ocasião, estava cotada em 299,08 dólares. Este foi o preço mais alto praticado para este produto nestes últimos 12 anos. Em 1984, ele já havia assustado, quando chegou aos 264 dólares, mas baixou para 214,36 dólares em 1985. Em 1986 uma tonelada do 05-20-20 podia ser comprada a 192,20 dólares. O preço voltou a reagir em 1987, mas seguiu novamente a partir de 1988. O único deslize ocorreu em 1990. Em janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 1992, os preços voltaram a assustar os produtores, situando-se em torno dos 280 dólares. Em maio ele retraiu, o que permitiu um preço médio, praticado no ano, inferior a 250 dólares. Os preços se mantiveram equilibrados no decorrer de 1993, com pequenas variações. O preço médio praticado no ano foi de 200 dólares a tonelada. Mais uma vez, abril, maio e junho mostraram-se os meses mais favoráveis para a compra do produto.



PLANO REAL

Agricultores pedem reajustes

Produtores protestam contra o descaso do governo em relação a agricultura, pedem realinhamento do câmbio e paridade na correção dos preços mínimos e financiamentos

Mesmo que o Plano Real tenha ignorado por completo a agricultura brasileira e que o governo tenha esquecido suas promessas, que o dinheiro para custear a lavoura ande escasso e caro, que o agricultor esteja atravessando um período transitório, determinado por eficiência, profissionalismo e produtividade, continuar plantando é preciso. Aliás, plantar e produzir alimentos sempre foi o ofício do agricultor. E tanto sabe plantar e colher, que a agricultura participa com 40 por cento do Produto Interno Bruto Nacional. O Rio Grande do Sul, citando apenas um estado produtivo como exemplo, é responsável por 25 por cento da produção de alimentos do país e soube, mesmo diante de tantas incertezas e descasos, crescer 25 por cento nestes últimos 10 anos.

Mas como continuar plantando se o governo implanta um novo plano econômico e esquece a agricultura? Essa preocupação e a constatação de que alguma saída precisa ser encontrada, reuniu agricultores gaúchos, catarinenses e paranaenses num dia de protesto, realizado no Parque Assis Brasil de Esteio, em 21 de julho, sob a liderança de várias entidades do setor primário do Rio Grande do Sul. Com ameaças até de reduzir a área de plantio e transformar o protesto num movimento nacional, os produtores e as lideranças deram um prazo até de 10 agosto para que o

governo apresente um plano de política agrícola dirigida para o setor e encontre solução para alguns problemas criados a partir do Plano Real. "Os produtores querem que o governo faça os ajustes necessários", tem alertado o presidente da Fecotriço, Rui Polidoro Pinto, sem deixar de apostar no novo plano, indispensável para a produção de alimentos e fixação do homem ao campo, mas preocupado com o trato dispensado à agricultura.

JUROS ALTOS - Duas preocupações básicas dominam a agricultura neste momento - o descasamento dos índices do financiamento e dos preços agrícolas e o congelamento do câmbio. Ou seja, enquanto os preços agrícolas continuam congelados, os financiamentos estão sendo corrigidos pela TR. "Não temos condições de suportar juros acima de 40 por cento ao ano", tem protestado Rui Polidoro, lembrando que antes do Plano Real, as taxas de juros eram de 12 por cento ao ano. Dizendo já conhecer esta história, tanto os agricultores como as lideranças do setor recordam o Plano Collor, em 1990, quando as dívidas foram corrigidas pelo IPC e os preços pela BTN, com uma defasagem de 100 por cento, deixando muitos produtores em grandes apertos.

Os líderes do movimento recomendaram aos agricultores para que, por enquanto, não contraiam empréstimos vinculados à

TR "e cancelem as negociações e pagamentos de dívidas feitas anteriormente".

AS REIVINDICAÇÕES

Endividamento agrícola - Cumprimento do relatório da CPMI do Endividamento Agrícola, com a exclusão dos descasamentos e enjugamento de juros, capitalizações e taxas ilegais. Observância ao Memorando de Entendimento pelo Banco Central e Banco do Brasil.

Política de crédito

Custos financeiros - criação de mecanismos que impeçam os descasamentos de índices entre fonte e preços de produto, exclusão da TR como

indexador.

Fontes de recursos - utilização da exigibilidade sobre depósitos à vista, títulos da dívida externa, recursos de mercado internacional, fundo de pensão, fundos constitucionais e outros

Safra 1993/94 - prorrogação de todos os créditos concedidos às atividades que tenham sofrido frustração na atual safra

Preços mínimos - implantação de uma política que defina os preços com base nos reais custos de produção. Alocação de recursos orçamentários para a sua sustentação. Revisão do Preço de Liberação de Estoques - PLE - e estabelecimento de novos parâmetros para seu cálculo e

determinação

Mercado

Importações - aplicação automática de taxas compensatórias nas importações de produtos subsidiados nos países de origem

Câmbio - implantação de uma política cambial com mecanismos compensatórios, que eliminem as perdas nas exportações de produtos primários e seus derivados

Mercosul - Necessidade de se promover a equalização de políticas tributárias para os bens da produção agrícola, assim como a implantação da unificação aduaneira e de exigências sanitárias.

LEITE

O protesto pelo preço

"Não conseguimos tudo o que pedíamos, mas os resultados foram satisfatórios". Essa avaliação é do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Júlio César Gabbi, após o encerramento de um protesto dos produtores de leite no dia 14 de junho em Ijuí. Mais de 700 produtores da Regional da Fetag de Ijuí ocuparam a área da CCGL no município, reivindicando, como aconteceu em todo o Estado, um reajuste no preço do leite equivalendo-o a 50 por cento do preço pago pelo consumidor. Durante todo o dia 14, os produtores bloquearam a saída do produto, dispostos a permanecerem por tempo indeterminado à espera de uma resposta satisfatória por parte da indústria.

Recebendo 0,14 URV pelo litro mais 30 por cento a título de bonificação, os produtores exigiram da indústria 0,21 URV pelo litro. De início a indústria ofereceu 0,16, passou para 0,17 e só encontrou uma resposta por parte dos produtores quando a proposta chegou a 0,19 URV, resultantes de 0,18 mais 0,01 URV de bonificação e representando um acréscimo de oito por cento. O acordo final do movimento, foi dado como momentâneo. "Até aqui não tivemos derrotados ou vencedores", analisou Júlio Gabbi, salientando que "o que ocorreu foi um consenso entre as partes, já que os valores não ficaram longe das nossas reivindicações". A trégua dada pelos produtores inclui uma rodada de negociações iniciada a partir do último dia 14, quando os representantes de todas as regionais voltaram a Porto Alegre para negociar o preço do produto e antes disso avaliar os efeitos da implantação do Real sobre o setor.

Era uma vez o Oídio...

Uma das principais doenças do trigo, responsável por enormes perdas e prejuízos causados aos tricultores.

Mas, a Ciba Agro, tem um personagem que vai mudar toda essa história: TILT 0,25 l/ha - um tratamento eficaz, econômico e específico para o controle do Oídio.

Quem usa TILT na dose e no tempo certo (nível de infecção até 15%) sabe que no próximo capítulo não sobrá Oídio para contar a história.

TILT
0,25 l/ha

Final feliz para o seu trigo.

TILT - Produto registrado no Ministério da Agricultura do Abastecimento e da Reforma Agrária sob no. 030583-88. Marca registrada de Ciba-Geigy - Basileia - Suíça.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (mascara, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

Emergências:
Plantão Ciba Agro 24 horas:
(011) 241.3330 e 536.0744

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Araraquara (SP):
(0162) 22.0255 e 22.0259
Cascavel (PR):
(0452) 25.1144
Londrina (PR):
(043) 338.8600
Passo Fundo (RS):
(054) 312.3700 e 312.3592
Ponta Grossa (PR):
(0422) 24.4296 e 23.6586
Recife (PE):
(081) 241.8100
Rondonópolis (MT):
(065) 421.3251
SP/BH (SP):
(011) 532.7244
Uberlândia (MG):
(034) 236.1646 e 234.2110



Ciba Agro

Av. Prof. Vicente Rao, 90
CEP 04706-900 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 532.7122

Argemiro Luís Brum

PLANO REAL

Os efeitos na agricultura

Embora ainda seja muito cedo para termos todos os elementos necessários a fim de podermos realizar uma análise sobre os efeitos do Plano Real no setor primário - muitas medidas relativas ao próprio Plano Real ainda estão em fase de adaptação -, podemos pelo menos, avançar em algumas preocupações sobre a questão.

Em primeiro lugar, fica evidente que o setor exportador - soja e derivados, suco de laranja, frango, entre outros -, tende a perder com a nova situação. A surpreendente taxa cambial, onde o R\$ 0,92 compram US\$ 1,00 - pelo câmbio comercial do dia 08/07 - embora de natureza transitória no nosso entender, funciona como um confisco cambial sobre os produtores de produtos de exportação. Nesse sentido, vale ainda dizer que o risco de uma sobrevalorização cambial contínua é latente. O Plano já foi lançado com uma sobrevalorização de cerca de 20 a 25 por cento - o então cruzeiro real teria que sofrer uma desvalorização destes níveis para chegar a uma paridade correta com o dólar.

Esta situação tende a se agravar na medida em que o câmbio, por enquanto, tende a ficar fixo por tempo indeterminado. Os preços serão menores em dólar, levando a um recuo nas exportações - e também no plantio de culturas de exportação - e a um crescimento nas importações. Além disso, no curto prazo, poderemos ter um sério problema adicional: inflação em reais relativamente alta nos primeiros meses frente a uma taxa cambial fixa.

Neste sentido, o caso da Argentina é exemplar. A sobrevalorização cambial naquele país já estaria atingindo a 60 por cento. O governo argentino, na impossibilidade de liberar o câmbio - um risco importante, pois o Plano Cavallo perderia a ancoragem da moeda no dólar -, reduz os impostos e aplica o "re-integro" - restituição de impostos indiretos. O Brasil fala na criação de "bandas de flutuação" do real em relação ao dólar no médio prazo e estuda a segunda possibilidade via a redução ou eliminação do ICMS incidente sobre os produtos de exportação - para tanto, necessário se faz negociar com os estados da Federação. Além disso, um tipo de "re-integro" já estaria nos planos do governo.

Outro problema importante está nas novas regras para os financiamentos do crédito rural para o próximo ano agrícola. Com a entrada do Plano Real, os recursos da caderneta de poupança continuarão a ser remuneradas pela TR. Entretanto, os recursos

da poupança são hoje a principal fonte de recursos para o crédito rural, os quais deverão deixar de ser indexados pela TR. Volta à tona, assim, o problema do descasamento entre índice que irá corrigir os créditos de custeio e os preços mínimos e o que corrigirá a fonte de recursos para os mesmos. Uma repetição do que ocorreu quando do Plano Collor I e que hoje está em litígio. O governo busca alternativas para o problema, dentre elas a equalização dos juros da caderneta de poupança e os de créditos rural via recursos do Tesouro Nacional. Mas a decisão final, até este momento, ainda não estava clara.

Um terceiro problema se encontra nas altas taxas de juros. Embora estime-se que elas irão cair, para julho as taxas de poupança sinalizam um juro um pouco superior a 6 por cento. Ora, isto significa que poderemos ter um juro anual entre 80 a 90, por cento. Assim, os juros embutidos aos empréstimos agrícolas poderão ser muito altos, aumentando em demasia o custo de produção. Isto atinge, inclusive, aqueles produtores que fizerem empréstimos dentro da linha do Finame. Espera-se que ocorra uma redução destas taxas para os níveis internacionais, ou seja, em torno de 8 por cento ao ano. A questão é saber em quanto tempo isto vai ocorrer.

Um quarto problema está na renda dos produtores. O consumo não vai aumentar significativamente, pois o Plano se confirmou recessivo. Afinal, os preços foram reajustados no pico, enquanto que os salários foram na média e ficam estagnados. Ao mesmo tempo, os altos juros da poupança estimulam guardar dinheiro e não gastá-lo. Assim, os preços internos dos alimentos em geral, a nível de produtor sobretudo, poderão sofrer uma pressão baixista nestes próximos meses. Afinal, o objetivo do governo é reduzir a inflação pela contenção da demanda, via arrocho na circulação da moeda. Neste contexto, os negócios agrícolas estão desestimulados e a formação de estoques, aos juros que aí estão, torna-se proibitiva.

Um quinto problema é o risco de crescerem as importações de produtos agrícolas - a própria soja já está sendo importada na Argentina, conforme notícia da Zero Hora do dia 09/07/94, p.22. Além disso, como ainda não se conseguiu definir uma tarifa externa comum - TEC - para o Mercosul e o Brasil, individualmente vem reduzindo suas alíquotas de importação, deveremos importar subsídios dos países que nos vendem alimentos - é o caso do trigo, leite em pó, carne

bovina, entre outros. Ora, se não colocarmos medidas eficazes de neutralização dos subsídios aplicados pelos países que nos vendem alimentos, estamos lançando nossa agropecuária num confronto desigual e de pura perda. Isto somado à excessiva tributação na exportação acaba colocando nossa agropecuária como importadora de subsídios e exportadora de impostos.

Enfim, merece ainda destaque o fato de que o Brasil vem realizando reformas profundas na sua política agrícola - desgravação tarifária; eliminação de restrições quantitativas às importações e exportações; a tarifação, ou seja, o uso apenas de tarifas com proteção na fronteira; maior disciplina na intervenção do governo nos mercados agrícola-

las; redução real dos preços mínimos, entre outros - na linha da liberalização dos mercados agrícolas. Mas ele não efetuou reformas nos mercados de fatores de produção - trabalho, capital, insumos em geral. A consequência direta disto é a queda no nível de investimento agrícola; redução na produção e queda na rentabilidade das propriedades, tanto na lavoura quanto na pecuária. Assim, a liberalização dos mercados agrícolas sem liberalização nos mercados de fatores de produção coloca os produtos na posição de competirem com produtos cujos mercados são liberados frente a mercados de insumos regulamentados. A eficiência e a

competitividade do setor rural nacional, nestas condições, fica comprometida. Assim, os produtores eficientes carregam um sobre peso desnecessário - cf. Conjuntura Econômica - FGV, maio/94, pp.42-3.

Espera-se que o governo resolva estes problemas no curto prazo - talvez algumas medidas já surjam com o Plano safra, esperado para o dia 15 de julho. Entretanto, não se pode negar que, sem uma reação do setor primário, talvez muitos destes problemas venham a comprometer definitivamente o desempenho da próxima safra de verão no Brasil e, com ele, a sobrevivência de muitas propriedades rurais.

Professor da Unijuí, doutor pela EHESS de Paris-França e o coordenador da Central Internacional e Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

OÍDIO

SINAL VERMELHO PARA TRIGO NOVO

Baytan®

O INVESTIMENTO QUE RETORNA

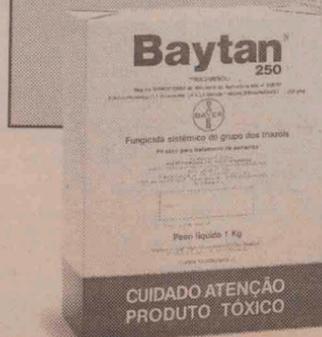
Baytan protege a planta inteira após a germinação, devido a sua excelente ação sistêmica.

Somente Baytan e nenhum outro, controla o oídio até o final do perfilhamento.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça o uso não sob o equipamento de proteção individual (máscara, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO



Bayer

Se é Bayer, é bom.

REFLORESTAMENTO

Campanha pelo mato

Campanha de reflorestamento em Ijuí conta com o apoio de várias entidades para distribuir 850 mil mudas entre espécies nativas e exóticas

Ocupar áreas impróprias para a agricultura e ainda por cima ganhar um bom dinheiro com o plantio de uma infinidade de espécies de árvores, sejam elas nativas ou exóticas. Essa recomendação que já passou inúmeras vezes pelo ouvido do produtor tomou um cunho mais importante a partir do dia 21 de junho, com a abertura da campanha de reflorestamento 1994, em Ijuí. A campanha que se realiza todos os anos, teve promoção da Emater, Cotrijuí, 36ª Delegacia de Educação, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Ibama, Arfom, Aipan e Sindicato dos Trabalhadores de Ijuí.

Para marcar a abertura da campanha 94, os promotores reuniram produtores e estudantes no distrito de Floresta onde ocorreram palestras sobre manejo ecológico em microbacias hidrográficas e reflorestamento energético. Ali também aconteceu o primeiro plantio florestal com orientação sobre plantio, balanço energético e venda e entrega de mudas, procedimento que se repetiu na Esquina Dutra; distrito de Santo Antônio, Mauá, Chorão, na comunidade de São Valentim e no município de Coronel Barros.

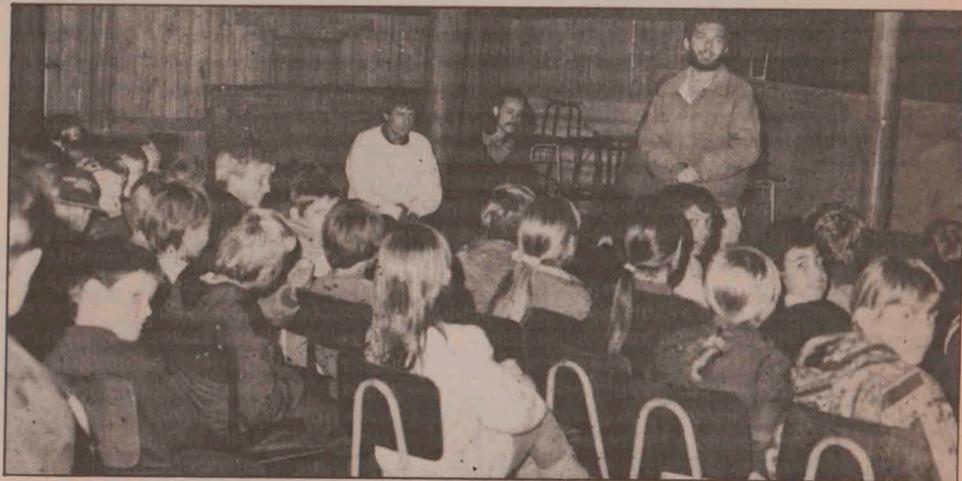
"A nossa intenção é divulgar e encaminhar o plantio de um maior número possível de mudas", enfatizou na abertura da campanha o técnico agrícola da Emater Vito Cembranel, lembrando uma necessidade total de dois milhões de mudas somente para o município de Ijuí. Para isso, as entidades realizam os plantões, colocando à disposição do agricultor cerca de 60 mil mudas por localidade, numa época mais apropriada para a implantação do reflorestamento. Com a ocorrência de chuvas mais frequentes, a muda pega melhor e o seu enraizamento é facilitado, explicou o técnico. Neste ano, segundo Vito, mais de 800 mil mudas estão à disposição do produtor, somente através da campanha - levando até ele as várias

opções de espécies como eucalipto, cinamomo, uva do japão e ainda muitas nativas como a erva-mate, bracinga, angico, cedro, ipê-amarelo e grábia, entre outras. Todas elas podem ser cultivadas na propriedade melhorando as condições de solo e também proporcionando uma alternativa de renda, seja pela produção de lenha ou madeira.

QUALIDADE DE VIDA - "Não vamos ter qualidade de vida se não tivermos qualidade de ambiente", complementou a delegada de educação de Ijuí, Carmem Battú, juntando-se aos técnicos presentes que discutiram com produtores e estudantes o valor e a importância de plantar e preservar o mato existente. O engenheiro agrônomo da Cotrijuí, Fernando Rodrigues mostrou que essa qualidade de vida depende muito da organização do produtor e de sua comunidade através de um trabalho estratégico que abranje relações econômicas, sociais e políticas estruturadas pelas microbacias hidrográficas.

Nesse sentido, o agrônomo disse que a organização do produtor permite o surgimento de uma educação ambiental "tão necessária em uma sociedade que não se preocupa efetivamente e de forma ampla com a natureza, que não reconhece a geração de riqueza pelo meio rural e que se acostumou a encarar fenômenos naturais como calamidades de enchentes ou secas agravadas pelo desequilíbrio ambiental.

Para trabalhar todas estas questões, o agrônomo sugeriu ações concretas por parte do produtor, da comunidade e também do município visando o equilíbrio ambiental e contemplando o manejo sustentado do solo, principalmente. "O produtor, disse, tem que se dar conta de que a ausência de manejo do solo significa perda de lucratividades, assim como o município, reconhecer o quanto isso



Abertura
Campanha foi lançada em Floresta, sede do 1º plantão

afeta nas suas receitas. O caminho mais curto, portanto, para tratar de forma adequada o meio ambiente é o da conservação de solos e estradas, do plantio direto, do reflorestamento, entre outros aspectos que estão incluídos no manejo sustentado de solos.

REFLORESTAMENTO MAIS BARATO - Um grande exemplo dessas ações levantadas pelo Fernando Rodrigues é a existência da Arfom, a entidade de reposição florestal obrigatória municipal que começou a funcionar em 1989, tornando o reflorestamento mais barato e eficaz. A Arfom se encarrega de recolher as taxas de reflorestamento das empresas consumidoras de lenha ou madeira e com os recursos adquire e distribui mudas produzidas pela Aipan e outros viveiros, aos agricultores que se tornam, então, os sócios produtores.

"Começamos com um repasse pequeno de mudas, mas hoje já trabalhamos com uma meta de um milhão de mudas para 94", destacou o presidente da Arfom de Ijuí, Nilo Leal, registrando que o maior volume dessas mudas são colocadas em Ijuí. De todas elas, a de maior saída é o eucalipto, devido ao plantio obrigatório para reposição de lenha e pelo retorno econômico dado pela espécie - colocado sobre a terra de baixa qualidade resulta em uma receita bruta de 640 dólares por ano em um hectare. Mesmo assim, a

entidade tem trabalhado pela expansão de outras espécies exóticas e nativas. A bracinga, por exemplo, citou Nilo, não tem rebrote mas tem alto valor calorífico, tendo ótimo resultado para a indústria e empresas utilitárias de lenha. Nilo lembrou entretanto, que a preferência pelo eucalipto contribui muito para a preservação do mato nativo que tem função de regenerador natural do solo.

O professor do departamento de biologia e química da Unijuí, Geraldo Coelho, mostrou por sua vez, que são muitos os benefícios obtidos com espécies nativas para a sustentabilidade do sistema produtivo. "O reflorestamento com essas espécies só não tem aumentado por causa de uma interpretação equivocada da legislação", disse o biólogo, esclarecendo que a nativa desde que seja plantada e cuidada devidamente pode ser explorada comercialmente. Baseado em muitos exemplos de consorciação com outras culturas, Coelho chamou atenção ainda para o uso com sucesso do timbó em reflorestamento no Paraná e a grande utilização da bracinga na Argentina. Todas as nativas, finalizou, podem muito bem resguardar as bacias hidrográficas, trazer um bom retorno econômico ao produtor e contribuir para a recuperação de um ambiente agredido historicamente.

Um setor estratégico

A lenha não tem a melhor conversão energética, mas tem menor custo do que os derivados de petróleo ou de origem hidráulica, e por isso muito empregada em indústrias e empresas características da região de Ijuí. Essa situação tem levado técnicos da Emater, Cotrijuí e entidades conservacionistas a se preocupar com a reposição florestal, especialmente com a utilização de espécies destinadas a produção de lenha, de forma a amenizar um déficit florestal histórico provocado pelo desmatamento desenfreado e tornar este combustível renovável ainda mais econômico.

Em 1988, um Censo Energético realizado pela Prefeitura Municipal e Emater já apontava um consumo de 185 mil metros esteres - metros cúbicos empilhados - no município, por parte de cooperativas, fábricas, secagem de grãos, padarias, borracharias, etc... Toda essa demanda que não incluía os consumidores domésticos do meio rural e urbano, correspondia, como explica o engenheiro agrônomo Carlos Petersen da Emater de Ijuí, a um área de 900 hectares de mata de sete anos de idade. Passados seis anos, entretanto, o agrônomo calcula que esse con-

sumo, juntando também os consumidores domésticos, já alcance a uma área de mil hectares.

Como outros representantes de entidades que vem incentivando e operacionalizando o reflorestamento, Petersen também vê nesses números um indicativo econômico para resolver o problema energético-ecológico da lenha. "Principalmente porque a lenha aqui consumida vem em parte de outros municípios da região e porque se produzida aqui pode se tornar mais barata", afirma o agrônomo. A esses fatores acrescenta uma tendência da utilização da lenha na região, registrada no último censo econômico, onde esta aparece como o segundo combustível mais usado - 33 por cento, sendo superado somente pelo óleo diesel que ocupava 40 por cento do consumo.

E essa posição não é muito diferente daquela registrada a nível nacional. Segundo balanço energético do Ministério das Minas e Energia, de 1993, a lenha, junto com a cana-de-açúcar e carvão vegetal é o terceiro combustível utilizado. Uma posição mantida somente a partir de 1978, quando foi superada pela energia hidráulica, que ocupa

o segundo lugar e o petróleo em primeiro lugar.

Mas será que toda a lenha queimada ganha uma reposição equivalente? Os números da Sociedade Brasileira de Silvicultura comprovam que não. Em 1990, o Brasil consumiu 263,5 milhões de metros cúbicos de madeira sólida, dos quais 139 milhões se destinaram à queima como lenha e apenas 82,3 milhões saíram de florestas plantadas, o resto foi retirado ilegalmente de florestas, cerrados e mangues ou sem reposição.

Diante desses dados, nos quais Ijuí e região também se incluem, Petersen não tem dúvidas de que o reflorestamento tem que ganhar fôlego, não só para cobrir esse déficit florestal, mas pela importância econômica e estratégica que se desenha a nível mundial.

Ao invés de considerar a lenha uma fonte de energia ultrapassada, é de se perguntar o que convém a nossa realidade, indaga o agrônomo, lembrando que o Brasil, o país com maior área florestal do planeta - ao redor de 565 milhões de hectares - pode produzir energia renovável e até aumentar a sua participação de produtos de base florestal como ninguém.



Eucalipto
Plantio
estratégico

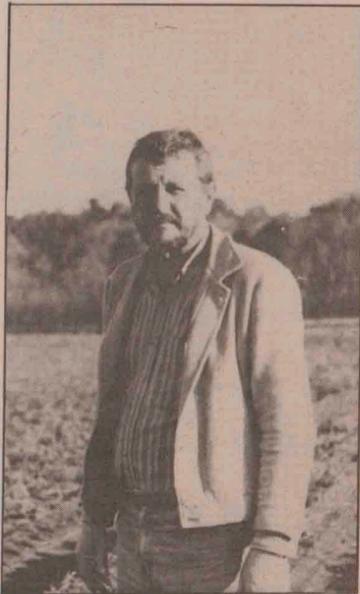
Preservar, ampliar e explorar de forma inteligente o patrimônio florestal brasileiro é o caminho apontado por especialistas do setor como o professor José Otávio Brito, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba, em reportagem à revista Globo Rural, edição de julho. "Além de controlar a erosão e garantir a sobrevivência dos recursos hídricos para a irrigação, abastecimento e produção hidrelétrica, as florestas podem ser usadas para a geração de energia elétrica abundante e barata, com o emprego de modernas tecnologias". Prova disso é a preocupação com o setor de países desenvolvidos onde o consumo de biomassa é bem mais baixo do que o brasileiro. Ainda segundo o professor, os Estados Unidos devem investir 60 bilhões de dólares em reflorestamento nos próximos 20 anos para elevar, de um para 15 por cento, a atual participação da madeira na geração de energia elétrica no país.

Reflorestando com resultado

Produtor de Dois Irmãos das Missões investe em reflorestamento utilizando além do eucalipto várias espécies nativas

O produtor Günter Stroebel, de Dois Irmãos das Missões, custou para reconhecer o valor do timbó, mas aprendeu a tempo o quanto a mata nativa e precursora pode beneficiar uma propriedade. Proprietário de dois mil e 105 hectares adquiridos há 21 anos, Günter não é em nada o que se chama de um ambientalista romântico, e sim um empresário agrícola que descobriu um bom filão econômico a partir da preservação dos seus 555 hectares de mata nativa e do reflorestamento em áreas impróprias na sua propriedade.

"Derrubei muito timbó quando cheguei aqui", recorda o produtor admitindo em seguida que "os tempos mudaram". Prova disso é que parou de derrubar timbó por achar mais fácil desmatar o cerrado acabou, hoje, concedendo toda a liberdade para a árvore nativa fazer a sua ressemeadura e assim fortalecer o habitat para o mato nativo. Esta prática preservacionista faz parte de um projeto de reflorestamento iniciado há 15 anos e que já é responsável pela implantação de 50 hectares com eucalipto, pinus, araucária, uva-japonesa, canafístula e angico. A área reflorestada está integrada ainda a 25 hectares de açudes e banhados, mais 25 hectares de área inaproveitável que podem servir futuramente ao reflorestamento, 50 hectares de pastagens nativas.



Günter Stroebel e...

O restante da propriedade é ocupado pela lavoura de soja, trigo e milho, cultivados em sistema de rotação de culturas para sustentar o plantio direto realizado desde a safra 91/92.

EXPANSÃO - O respeito a legislação e a consciência preservacionista são dois fatores que certamente levaram o seu Günter a manter o mato e ainda a implantar e expandir a área reflorestada. Mas há ali também um forte veio econômico originado pelo próprio volume de madeira e lenha consumidos na propriedade - cerca de 500 metros esterres ao ano - em razão do secador de



... o mato em 555 hectares: proteção com timbó

grãos, cercas, benfeitorias, consumo doméstico e pela reativação de uma serraria.

Para manter essa atividade comercial e suprir o próprio consumo, Günter vai continuar apostando no reflorestamento utilizando inclusive o timbó para a produção de lenha, que segundo ele "se

equivale ao eucalipto como fonte energética e até pode ser beneficiado como madeira". Com a decisão de plantar mais 20 hectares de espécies como uva-japonesa e pinus agora em 94, o produtor salienta que a sua idéia é "expandir um pouco a cada ano". Na sua opinião, uma mata de eucalipto e

timbó, somente para ficar nesses dois exemplos, tem um rendimento comparável a lavoura de soja, "se não der um pouco mais", diz, calculando o bom negócio obtido com o reflorestamento. "Uma atividade de poucos cuidados agrônômicos e com riscos bem menores do que qualquer outra cultura".

As várias opções

Além de ocupar áreas inaproveitáveis para a agricultura como as barrancas de rios, riachos e açudes, terrenos pedregosos, banhados, o reflorestamento não tem uma lista de tratamentos culturais muito extensa. Os maiores cuidados são exigidos quando da implantação da muda, começando pelo combate a formiga, preparo do solo, abertura correta de covas e limpeza da área.

Como lenha ou madeira, ou ainda ornamentais e frutíferas, são muitas as opções à disposição do produtor, sejam elas espécies nativas ou exóticas, todas, entretanto cumprindo a grande função de controlar a erosão, enriquecer as camadas superficiais e melhorar as propriedades físicas do solo através de uma maior infiltração de água. Entre as espécies disponíveis para repasse via Arfon, se destacam entre outras as:

Nativas

Angico
Bracatinga
Caroba
Erva-mate
Ipê amarelo
Exóticas
Eucalipto
Pinus
Cinamomo
Acácia Negra
Uva do Japão

Ornamentais nativas

Ipê ouro
Jacarandá
Gibipiruna

Ornamentais exóticas

Chá da Índia
Chorão da praia calisteno
Flamboyant

Frutíferas nativas

Amora
Cerejeira
Pitangueira
Maracujá
Caíña



LINHA DE SECADORES KW-R.

Importante para quem busca a produtividade.

Para secar soja, milho, trigo, arroz, cevada e outros cereais com múltiplas opções de capacidades e inovações tecnológicas que correspondem, com seus desempenhos, às necessidades impostas pelos tempos atuais.

- Modelos KW 110R, 115R, 215R, 315R e 330R, que correspondem a 10, 20, 40, 60 e 100 t/h;
- Operam com menor potência instalada, reduzindo o consumo em cerca de 33%;
- Sistema de recirculação de ar, que preserva as reservas naturais e diminui o consumo de combustíveis;
- Maior espaço livre nas instalações em virtude de dutos mais compactos;
- Difusores usados também como câmaras de precipitação. Com isso, menos partículas sólidas são lançadas no ambiente;
- Melhor relação custo-benefício, em função da alta produtividade e racionalização do capital investido.

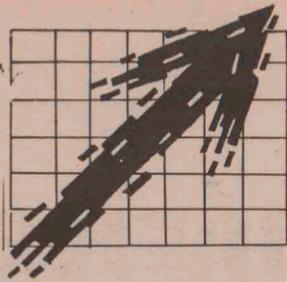
FARM 250 E 500

Próprios para fazendas e dimensionados para secar 250 e 500 sacos por carga, são especialmente indicados para o arroz e podem ser instalados ao tempo.

KEPLERWEBER

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

Argemiro Luís Brum



LEITE E DERIVADOS

A situação do mercado mundial

Dentro do Acordo Internacional relativo ao setor leiteiro, coordenado pelo GATT, existem hoje 16 países participantes: África do Sul, Argentina, Austrália, Bulgária, União Européia - 12 países membros -, Egito, Finlândia, Hungria, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Polônia, Romênia, Suécia, Suíça e Uruguai. Tal Acordo está no seu 15º ano de existência e notamos que os Estados Unidos e o Brasil não participam dele, porém, nossos dois parceiros do Mercosul, Argentina e Uruguai, estão presentes. Em função deste Acordo, o GATT divulga anualmente um relatório, considerado oficial, sobre o mercado mundial do leite e seus derivados. O último relatório em circulação, relativo a 1993 e recentemente divulgado nos traz um quadro interessante sobre o mercado mundial dos produtos lácteos - os dados e as informações nele contidas referem-se a realidade existente até meados de 1993.

1 - FATOS MARCANTES OCORRIDOS NO MERCADO MUNDIAL DO LEITE

Dentre os principais fatos ocorridos, nestes dois últimos anos, no mercado mundial do leite podemos destacar:

a) A tendência de queda na produção mundial em todos os tipos de leite prosseguiu em 1992 e 1993. A produção mundial em 1992 ficou 2 por cento abaixo da média registrada no ano anterior. Neste contexto, a produção mundial de manteiga caiu para cerca de 7 milhões de toneladas (contra um pico de 7,9 milhões em 1990); a de leite desnatado em pó regrediu para 3,6 milhões de toneladas (contra um máximo de 5 milhões em 1993). Enquanto isto, a produção de leite integral em pó se estabilizou no seu ponto máximo (2,3 milhões de toneladas) já alcançado em 1991. Quanto aos queijos, sua produção igualmente se estabilizou no seu ponto máximo (14 milhões de toneladas) após um leve recuo em 1991.

b) Os principais produtores de leite, são a União Européia (ex-CEE) com 113

Dezesseis países fazem parte do Acordo Internacional do setor leiteiro e que leva a coordenação do Gatt. Brasil e Estados Unidos não integram o acordo que conta com a participação de parceiros do Mercosul: Argentina e Uruguai

milhões de toneladas em 1992, seguida dos Estados Unidos com 68,8 milhões e da Índia com 56 milhões. O Brasil aparece em sexto lugar com 14,8 milhões de toneladas.

c) Em 1992, os principais produtores mundiais de manteiga foram a União Européia, com 1,5 milhão de toneladas, seguida da Índia com 1,06 milhão de toneladas. Quanto aos queijos, os principais produtores foram mais uma vez a União Européia (5,1 milhões de toneladas) e os Estados Unidos (2,9 milhões de toneladas).

d) Em termos de comércio, os principais exportadores de manteiga são a União Européia com 152 mil toneladas em 1992, seguida da Nova Zelândia com 133 mil toneladas. Os maiores importadores deste derivado do leite foram a ex-URSS com algo entre 120 a 200 mil toneladas e o Egito com 62 mil toneladas. Em termos do leite desnatado em pó, o maior exportador continua

sendo a União Européia, com 390 mil toneladas, seguida da Nova Zelândia e Austrália com respectivamente 114 mil e 111 mil toneladas. Quanto aos importadores, o México liderou as compras deste produto com 150 mil toneladas, seguido do Japão com 97 mil. No que tange ao queijo, os principais exportadores são a União Européia (466 mil toneladas em 1992) seguida igualmente pelo Nova Zelândia com 115 mil. Os maiores importadores são os Estados Unidos com 130 mil toneladas, seguidos do Japão com 126 mil.

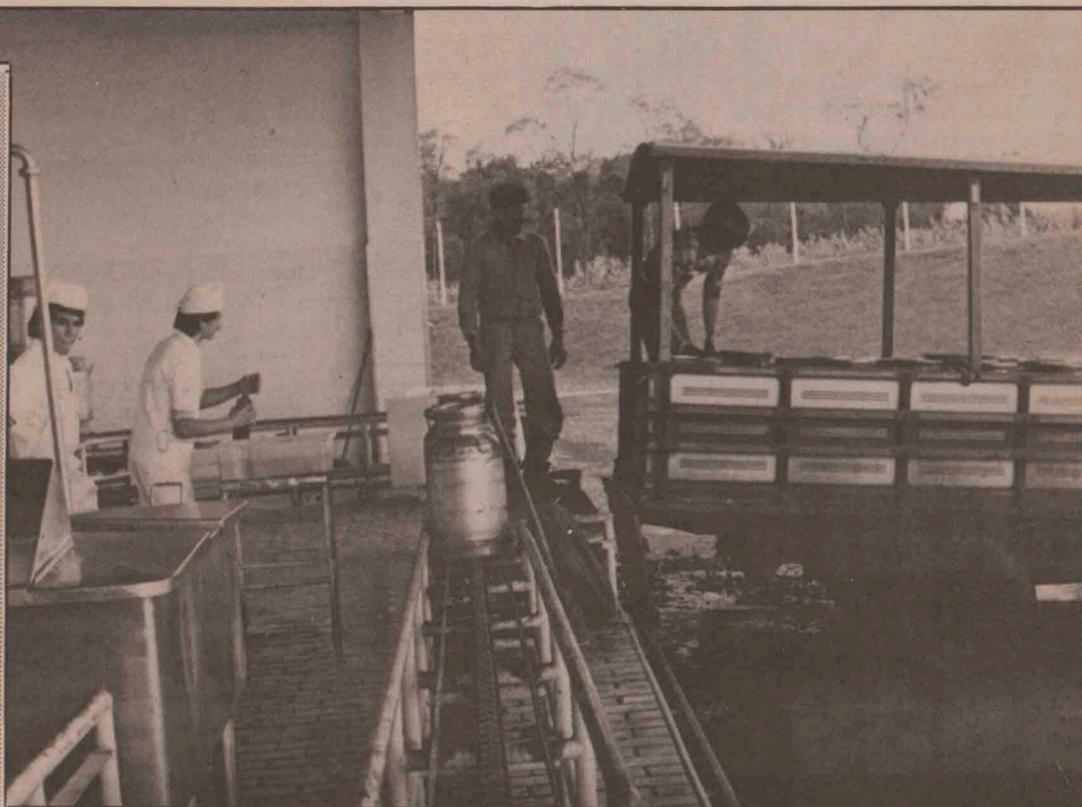
e) Os países da Europa Central e Oriental mais a ex-URSS, continuaram assistindo a uma redução de suas produções leiteiras. Isto, em razão das dificuldades econômicas por que passam, neste longo período de transição de uma economia socialista para uma economia de mercado.

f) Os Estados Unidos aumentaram significativamente suas exportações de

produtos lácteos em 1992 graças a programas de subvenções à exportação. Assim, naquele ano, um montante dos subsídios de US\$ 140,03 milhões foi destinado para a exportação de 128 mil toneladas de leite em pó; 23,4 mil toneladas de manteiga e óleo de manteiga; e 3,2 mil toneladas de queijos. Em 1993, os primeiros subsídios dados permitiram exportar 48,4 mil toneladas de manteiga e óleo de manteiga; 205 mil toneladas de leites em pó; e 5,8 mil toneladas de queijos. Os principais beneficiados com estes subsídios, em 1992, foram a Argélia e o México.

g) Torna-se interessante destacar que a Argentina foi importadora de 12 mil toneladas de manteiga em 1992 e de 18 mil toneladas de leite desnatado em pó, seguindo uma tendência já verificada em anos anteriores.

Professor da Unijuí, doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA).



Leite

Tendência de queda na produção mundial

TABELA Nº1: PRINCIPAIS PRODUTORES DE LEITE (1992 em milhões de toneladas)

União Européia	113,0
Estados Unidos	68,8
Índia	56,0
Rússia	47,0
Ucrânia	18,0
Brasil	14,8
Polônia	13,2
México	10,7
Japão	8,6
Nova-Zelândia	8,6
Canadá	7,6
China	7,5
Austrália	7,3
OBS: Incluindo leite de vaca e de búfala	
Fonte: GATT	

TABELA Nº2: PRINCIPAIS PRODUTORES DE MANTEIGA (1992 em milhares de toneladas)

União Européia	1.500
Índia	1.060
Rússia	735
Estados Unidos	616
Ucrânia	340
Paquistão	304
Nova Zelândia	185
Polônia	150
Fonte: GATT	

TABELA Nº3: PRINCIPAIS PRODUTORES DE QUEIJO (1992 em milhares de toneladas)

União Européia	5.098
Estados Unidos	2.927
Egito	324
Rússia	290
Canadá	263
Argentina	259
Austrália	205
Suíça	132
Nova Zelândia	130
OBS: Os dados relativos à Rússia dizem respeito apenas a algumas variedades	
Fonte: GATT	

O mercado na América do Sul

Segundo o relatório do GATT, a produção de leite na Argentina alcança hoje cerca de 5,9 milhões de toneladas. Apesar da incerteza quanto ao futuro da produção e da comercialização, em função da adaptação da economia argentina ao Plano Cavallo, lançado em abril de 1991, o que se percebe é que a estabilização da economia no vizinho país se traduziu por um crescimento e uma diversificação na demanda de produtos lácteos. O consumo humano progrediu em 7 por cento no ano de 1991, para atingir a 1,3 milhão de toneladas, tendo continuado em 1992. Como os consumidores têm se voltado para os produtos com maior valor agregado, a Argentina se viu obrigada a importar produtos lácteos. Colaborou para isto igualmente a taxa cambial defasada (hoje tal defasagem atinge a cerca de 60 por cento). Assim, até mesmo o Brasil acabou exportando laticínios para os argentinos.

Neste contexto, as exportações de manteiga diminuíram significativamente, caindo de 7,4 milhões de toneladas para 3 milhões, enquanto as importações saltavam de apenas 200 toneladas para 7.700 toneladas em 1991. No ano seguinte, as exportações saltaram para 12.000 toneladas. Da mesma forma, as exportações de leite integral em pó caíram 80 por cento em 1992, para atingir apenas 1.100 toneladas, enquanto as importações aumentaram 30 por cento, chegando a 15.700 toneladas. Quanto ao leite desnatado em pó, as exportações, que atingiam a 8.500 toneladas em 1991, praticamente desapareceram no ano seguinte. Ao mesmo tempo, as importações deste produto cresceram 70 por cento para se estabelecer em 18.000 toneladas em 1992. Entretanto, as exportações deste tipo de leite retomaram no ano passado. Enfim, as exportações de queijos, que haviam caído para apenas 1.300 toneladas no primeiro semestre de 1992, se recuperaram um pouco no ano seguinte, registrando 1.800 toneladas no primeiro semestre de 1993. As taxas nas importações reduziram as importações deste produto de 3.200 toneladas no primeiro semestre de 1992 para 1.300 toneladas em igual período do ano passado.

Quanto ao Uruguai, a produção de leite em 1992 foi de 669.000 toneladas, acusando uma queda de 6,5 por cento em relação ao ano anterior. O preço à produção de leite destinado ao consumo direto é fixado a cada quatro meses (no Brasil, até a implantação do Real, era ajustado a cada quinzena nestes últimos tempos). As exportações uruguaias diminuíram, sendo que seu mercado principal são os demais países latino-americanos.

No Brasil, após a produção nacional de leite ter alcançado a 14,8 milhões de toneladas, espe-

rava-se uma nova alta de 2 por cento para 1993. O rebanho leiteiro é estimado em cerca de 18 milhões de vacas com uma produtividade média estimada em torno de 750 quilos por vaca, embora existam regiões que alcancem até 2.600 quilos por animal. O consumo de leite tem caído no Brasil desde 1988 em função da crise econômica que se abate sobre o país. Espera-se uma recuperação a partir da implantação da terceira fase do chamado Plano Real.

Nossa produção de leite em pó, após um recuo registrado em 1991, acusou um crescimento de 45 por cento no ano seguinte, atingindo a 80.000 toneladas. Ela deve ter estacionado nestes níveis em 1993. As importações caíram para 10.000 toneladas em 1992 devendo continuar baixas até a ocorrência de uma recuperação no poder

de compra da população.

Enfim, no Chile, a produção de leite cresceu 7 por cento no ano de 1992 para se estabelecer em 1,6 milhão de toneladas. Previa-se uma nova progressão para o ano passado. A demanda por produtos lácteos continuava a crescer e esperava-se um aumento no efetivo de vacas leiteiras para estes próximos anos. Igualmente, o rendimento deverá aumentar em função de melhorias genéticas que os criadores chilenos estão realizando junto aos seus rebanhos. A estabilidade econômica do país tem ajudado muito para que ocorram tais empreendimentos.

3 - PREÇOS MUNDIAIS EM QUEDA

Com base em dados pesquisados apenas junto aos 16 países membros do Acordo, o relatório do GATT informa que os

preços mundiais dos produtos lácteos caíram no último ano (terceiro trimestre de 1993 em relação ao terceiro trimestre de 1992). Assim, os preços do leite desnatado em pó caíram de um patamar de US\$ 1.800/2.170 por tonelada para US\$ 1.400/1.650 por tonelada. Um recuo médio de 23 por cento. Por sua vez, os preços internacionais do leite integral em pó passaram de US\$ 1.750/2.100 por tonelada para US\$ 1.350/1.600 por tonelada, acusando um recuo médio igualmente de 23 por cento. Quanto à manteiga, seus preços praticamente se mantiveram estáveis: de US\$ 1.350/1.800 por tonelada, eles ficaram entre US\$ 1.350 e US\$ 1.550/tonelada um ano depois. Enfim, os preços do queijo (tipo "cheddar") igualmente se mantiveram relativamente estáveis, girando em torno de US\$ 1.800/2.200-2.150 por tonelada.

País	Exportações (milhares de toneladas)
União Européia (*)	390
Nova Zelândia	114
Austrália	111
Polônia	91
Estados Unidos	75
Canadá	30
Áustria	25

(*) Excluindo o comércio entre os países membros
Fonte: GATT

País	Importações (milhares de toneladas)
México	150
Japão	97
Argélia	60
Argentina	18
Brasil	10

Fonte: GATT



SEMENTES HÍBRIDAS

Os híbridos Cargill vem batendo recordes de produção. Veja alguns resultados da safra 93/94 no Rio Grande do Sul:

NOME	MUNICÍPIO	HÍBRIDO	PRODUTIVIDADE (*)	
			kg/ha	sc/alqueire
Coop. Triticola de Santa Rosa	Cândido Godói	C-969	9.290	375
João F. Kieling	Cerro Largo	C-901	8.525	344
Antonius P. M. Brouwers	Girua	C-805	8.436	340
Granja Agro Suína Cerrolarguense	Cerro Largo	C-901	9.784	395

(*) Umidade corrigida para 13% alqueire = 2,42 hectare

Garanta a rentabilidade da sua lavoura fazendo adequadamente a colheita, o transporte e a armazenagem.

Plante esta idéia ! Plante Cargill.



Escritório Regional: Tel.: (055) 512-2269 - Fax: (055) 512-2703 - Santa Rosa, RS

NEMATÓIDE DE CISTO

A ameaça que vem do cerrado

O nematóide de cisto atingiu 1 milhão de hectares de soja na região central do país na safra 1993/94, com prejuízos que só não foram catastróficos devido ao plantio do milho. A doença ainda não chegou as lavouras gaúchas, mas é interessante o produtor ficar alerta quanto as formas de disseminação do nematóide nas lavouras

Identificado pela primeira vez no Brasil na safra de 1991/92 nas localidades de Chapadão do Sul, no Mato Grosso do Sul - segundo Monteiro & Morais, 1992 - em Campo Verde, Mato Grosso - Lordello et al., 1992 - e em Nova Ponte, Minas Gerais - Lima et al., em 1992 -, o nematóide de cisto de soja expandiu-se de forma assustadora. Na safra 1991/92, a área afetada foi estimada em 10 mil hectares, com perdas avaliadas em US\$ 1 milhão. As perdas estimadas subiram para US\$ 24 milhões na safra 1992/93, quando o nematóide de cisto foi identificado em 200 mil hectares de lavoura. Na safra de 1993/94, a área infestada foi estimada em 1 milhão de hectares. Os prejuízos só não foram catastróficos devido ao plantio de milho. Esse histórico do surgimento do nematóide de cisto da soja no Brasil faz parte de um trabalho de levantamento realizado pelo engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa/CNPSo, de Londrina, no Paraná, José Tadashi Yorinori.

Segundo José Tadashi, a importância econômica do nematóide de cisto é agravada pelo fato da doença estar atingindo as mais importantes regiões produtoras de sementes de soja do país. "A proibição da produção e utilização de sementes das regiões onde o nematóide está presente, além de impor sérias restrições à produção, poderá causar falta de semente de alta qualidade", observa. Mas considera a intensa movimentação de grãos de uma região para outra ou sementes mal beneficiadas como os agentes responsáveis pelo aumento do risco de disseminação da doença. Essas duas situações o levam a defender uma fiscalização rigorosa nas unidades de produção e beneficiamento de sementes.

SINTOMAS - Para quem não conhece o nematóide de cisto - ele ainda não foi identificado em lavouras de soja do Rio Grande do Sul -, José Tadashi o apresenta sob a forma de boleiras de plantas amareladas de diferentes tamanhos. As plantas infestadas podem morrer entre 30 a 40 dias após o plantio. Geralmente, explica o pesquisador, o sintoma mais característico é o amarelecimento das folhas com acentuado sintoma de deficiência de manganês, acompanhado de nanismo das plantas, abortamento das flores e vagens". Diz que a deficiência de manganês torna-se mais visível nos solos dos cerrados, enquanto que no latossolo roxo, a deficiência de potássio se acentua. Um exemplo citado é o caso do latossolo roxo de Palmital, interior de São Paulo, onde o nematóide já foi identificado.

Para José Tadashi, o desenvolvimento de altas populações do nematóide de cisto nas regiões afetadas demonstra muito claramente que as condições edafoclimáticas dessas regiões são altamente favoráveis ao nematóide. "A princípio, todas as regiões do Brasil onde a soja for economicamente viável deverá ser também favorável ao desenvolvimento do nematóide", avisa. Mas reconhece que as características físico-químicas do solo, regimes de chuvas e temperaturas, práticas culturais e diversidades de espécies cultivadas nas

diferentes regiões agrícolas do país, podem influir para uma maior ou menor expansão e níveis de danos do nematóide de cisto nas lavouras.

De maneira geral, diz que a expectativa que hoje existe é de que o nematóide de cisto se expanda com maior rapidez nas vastas regiões dos cerrados, "onde a exploração extensiva é caracterizada por intensa movimentação de máquinas, veículos e sementes e onde o solo geralmente é menos fértil". Coloca a constatação recente do nematóide de cisto no município de Palmital, São Paulo, como uma nova situação a servir de comparação quanto ao comportamento do nematóide nessa região e as ocorrências nas diferentes regiões dos cerrados.

José Tadashi acredita que as zonas de produção de soja compreendidas entre o Sul do estado do Paraná e o Rio Grande do Sul, que apresentam características de solo com alto teor de matéria orgânica - exemplo as áreas de plantio direto e rotação/sucessão de culturas de Castro, Ponta Grossa e Guarapuava - e as áreas de campo de menor fertilidade e menor teor de matéria orgânica, "mas que apresentam diversidade de cultivos e baixas temperaturas no inverno", devem apresentar características diferenciadas em relação ao desenvolvimento da população do nematóide e níveis de danos à soja.

CONTROLE - A primeira medida de controle a ser adotada pelo produtor, alerta José Tadashi, é a de evitar a introdução ou a dispersão do nematóide em novas áreas. Também coloca como fundamental para o controle a identificação do nematóide na fase inicial da infestação. Depois de identificado a sua presença na lavoura, a alternativa de controle mais viável e duradoura é o manejo integrado, cujo objetivo é justamente o da redução da população a um nível de convivência da combinação de diversas práticas agrônômicas. Entre estas, o pesquisador aponta o uso por parte do produtor de cultivares resistentes, da rotação/sucessão de culturas com hospedeiros não suscetíveis, como milho, sorgo/aveia, cevada, trigo, milheto, pastagens - para o caso da região -, entre outras; adubação verde, controle de plantas daninhas e retardamento do plantio de cultivares precoces.

Mas José Tadashi coloca como método mais eficiente e econômico de controle do nematóide de cisto o plantio de cultivares resistentes, "embora, até o momento nenhuma das cultivares adaptadas para plantio nas áreas de ocorrência, apresenta resistência", deixa claro. Explica que entre as mais de 200 cultivares recomendadas no Brasil, apenas uma, a Ipagro 21, recomendada - segundo Arantes, N. E., CNPSo - Epamig, Uberaba, Minas Gerais, 1993 - se mostrou resistente ao nematóide. Diversas linhagens avançadas do programa de melhoramento do CNPSo têm demonstrado alto grau de resistência, "mas o lançamento destes materiais ainda é incerto".

ROTAÇÃO - Diversas opções técnicas estão disponíveis para combinação de rotação no verão e sucessão no outono/inverno de culturas com a soja. Segundo o pesquisador, observações preliminares em

lavouras com altas populações de nematóides têm mostrado que apenas um ano de rotação com o milho não tem sido suficiente para reduzir os prejuízos ao nível de danos econômicos. "Esta é uma das razões pelas quais é fundamental que a presença de nematóide seja detectado na fase inicial da infestação", explica entendendo que, neste caso, o resultado da rotação com o milho apresentará resultado eficaz. Na maioria das regiões, o milho vem sendo colocado como a cultura mais viável economicamente para rotacionar com a soja.

José Tadashi coloca como sucessões mais viáveis as culturas de inverno ou de entressafra, "sejam elas com finalidades econômicas, ou de cobertura, de adubação verde ou complementação de pastagens". Como as mais importantes, cita o trigo, a aveia preta, a aveia branca, o sorgo e o milheto para cobertura ou complementação de pastagens. Aconselha o uso da mucuna e espécies de Crotalaria, para o caso de adubação verde - recomendação para o cerrado. Avisa que ainda não existem dados comprovando a eficácia das culturas de outono-inverno na redução da população de nematóide, mas acredita que elas devem apresentar algum benefício, "não apenas em função da ação sobre a população de nematóides, "mas principalmente por evitar a erosão eólica e a contínua movimentação do solo".

MANEJO DO SOLO - José Tadashi coloca o manejo de solo, "assim como a rotação/sucessão", como uma das formas de reduzir a população do nematóide e tornar a planta mais vigorosa através da nutrição equilibrada. Diz que de um modo geral, os solos dos cerrados são de baixa fertilidade natural, apresentando fortes desequilíbrios nutricionais causados por formulações inadequadas de adubo e por calagem excessiva na superfície. Nessa condição, as plantas de soja ficam sujeitas a fortes deficiências de manganês e potássio.

A falta de cobertura nos solos dos cerrados, "consequência de sucessivas lavrações", é apontada por José Tadashi como o maior responsável pela rápida disseminação do nematóide. "O solo descoberto fica sujeito à erosão eólica que, além do solo, transporta os cistos a longas distâncias", observa juntando ainda a questão da erosão causada pela água da chuva como outro fator a contribuir para a disseminação dos cistos entre as propriedades vizinhas.

COOPERAÇÃO DE TODOS - "O nematóide de cisto é um problema que exige a cooperação de todos os segmentos da sociedade brasileira que direta ou indiretamente, estão relacionados com a soja", diz o pesquisador do CNPSo pregando a necessidade de definição de uma política de desenvolvimento para o setor agrícola. Essa política deverá contemplar a diversificação agrícola e atender com seriedade as necessidades de infra-estrutura dos setores de produção, armazenamento, comercialização, agroindústria, pesquisa e assistência técnica. Para José Tadashi, a definição de uma política é a única forma de se poder



José Tadashi, da Embrapa/CNPSo

enfrentar o nematóide de cisto e outros problemas fitossanitários, como o cancro da haste. "Além do apoio governamental, é fundamental o engajamento da iniciativa privada no apoio à pesquisa e a assistência técnica", defende, acreditando que, sem uma atuação enérgica das entidades envolvidas com a soja, em pouco tempo o nematóide de cisto poderá se tornar um problema cujos prejuízos poderão chegar a bilhões de dólares.

Crítica a apatia das autoridades governamentais em relação ao problema, "especialmente no que diz respeito ao custeio da pesquisa e da assistência técnica" e diz que, tecnicamente, o nematóide de cisto da soja é um problema de solução relativamente fácil. Mais do que um controle radical, prega a necessidade de convivência com a doença. Mas alerta que o estabelecimento de um certo nível de convivência razoável, com minimização das perdas na presença do nematóide exige a integração de práticas culturais que extrapola os limites da propriedade.

Formas de disseminação

As principais formas de disseminação ou de introdução do nematóide de cisto em uma nova lavoura de soja, são as seguintes, segundo o pesquisador da Embrapa/CNPSo, José Tadashi:

- movimentação e transporte de solo infestado aderido à máquinas;
- implementos agrícolas, veículos e calçados;
- erosão eólica;
- erosão por água de chuva;
- sementes com partículas de solo contendo cistos;
- aves e animais silvestres e
- transporte de soja não beneficiada, contendo resíduos contaminados e que são distribuídos pelos caminhões ao longo das rodovias.

José Tadashi diz que depois da introdução do nematóide em uma área de cultivo, o aumento da população e os níveis de danos à soja vão depender da combinação de fatores como:

- condições climáticas favoráveis à abertura dos cistos e à eclosão dos ovos;
- da presença de hospedeiros suscetíveis e da duração do seu ciclo;
- da umidade e temperatura do solo e
- das práticas culturais adotadas, com rotação/sucessão de culturas e manejo do solo.

PRODUTOR PERGUNTA EMBRAPA RESPONDE

Qual o manejo correto para apartar terneiros?

O terneiro deverá ficar com a mãe durante as primeiras doze horas após o nascimento. Se o nascimento ocorrer pela manhã, o terneiro deve ser apartado no final do dia; se ocorrer à tarde, o terneiro é apartado no dia seguinte. É importante garantir que o terneiro tenha mamado o primeiro colostro. É possível a permanência do terneiro com a mãe por períodos mais prolongados, durante toda a fase de colostro, por exemplo. Há resultados de experimentos mostrando que

terneiros que permanecem com a mãe durante as primeiras 36 a 48 horas de vida apresentam melhor desenvolvimento nos primeiros meses de idade do que os apartados mais cedo. As prováveis razões disso são o menor estresse pelo fato de eles estarem junto às mães, além de poderem mamar mais vezes e obterem o colostro direto da teta.

Como fazer o desaleitamento precoce?

Uma das formas de desaleitar o terneiro precocemente é apartá-lo da mãe 12 a 24 horas após o nascimento, assegurando-se que mame o colostro o mais cedo possível. O terneiro deve ser levado para uma instalação, de preferência com baias individuais, onde continuará recebendo o colostro no balde, até o terceiro dia de vida. No quarto dia ele passa a receber leite integral - 3 litros a 5 litros por animal por dia -, em duas porções diárias - metade pela manhã e metade à tarde -, até o décimo dia de idade. Do 10º dia até o desaleitamento poderá receber o leite em uma única refeição. Simultaneamente, a partir da segunda semana de idade, o terneiro receberá concentrado - 18 por cento de proteína bruta - e volumoso de excelente qualidade. Para estimular o consumo de concentrado recomenda-se colocar uma pequena quantidade deste alimento no fundo do balde, logo após o terneiro ter terminado de tomar o leite. Ao mesmo tempo, o concentrado deve ser colocado no cocho, aumentando sua quantidade gradativamente, à medida que o terneiro aumenta o seu consumo. Deve-se limitar o consumo de concentrado. O limite dependerá da qualidade do volumoso oferecido. Normalmente situa-se entre 600 a 800 gramas no desmame de concentrado por animal por dia. O volumoso deve ser oferecido à vontade, sendo que um bom feno é melhor que um bom capim picado, que por sua vez é melhor que uma boa silagem.

Em sistemas de criação com o desaleitamento ou desmama precoce, feno de boa qualidade pode ser oferecido aos terneiros a partir da segunda semana de idade, além do leite e um concentrado com 18 por cento de proteína bruta.

Quanto leite deve ser fornecido aos terneiros?

A quantidade de leite a ser fornecida ao terneiro depende do ganho de peso desejado. Para criadores de gado puro, com registro, faz-se necessário que os bezerros atinjam certos padrões impos-

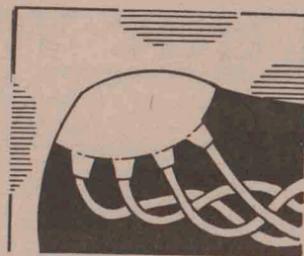


tos pelas associações de criadores, o que muitas vezes obriga o fornecimento de quantidades liberais de leite. Também para os produtores que têm na venda de reprodutores parcela importante de sua renda, o fornecimento de quantidades altas de leite é importante para se obter uma boa performance e aparência dos animais. Em rebanhos convencionais, em que a produção de leite é a atividade principal, pode-se criar terneiros com 3 a 4 litros de leite por dia, durante 56 dias, o que totaliza 168 a 224 litros de leite por terneiro. Neste caso, o fornecimento precoce de concentrado e volumoso de boa qualidade é essencial para o desenvolvimento normal deles.

Qual a temperatura ideal do leite a ser fornecido aos terneiros?

A temperatura ideal do leite a ser oferecido aos terneiros está em torno de 37°C. Normalmente, o leite é fornecido aos animais imediatamente após ter sido ordenhado, sem maiores problemas. Devem-se evitar temperaturas extremas - leite muito quente ou muito frio. O mais importante é, porém, fornecê-lo sempre no mesmo horário e com a mesma temperatura.

Fonte: Embrapa/Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite - Coronel Pacheco/Minas Gerais



COLUNA DO LEITE

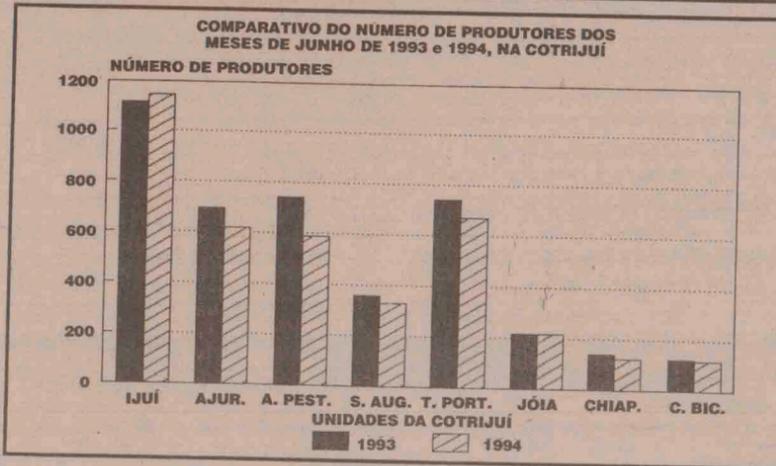
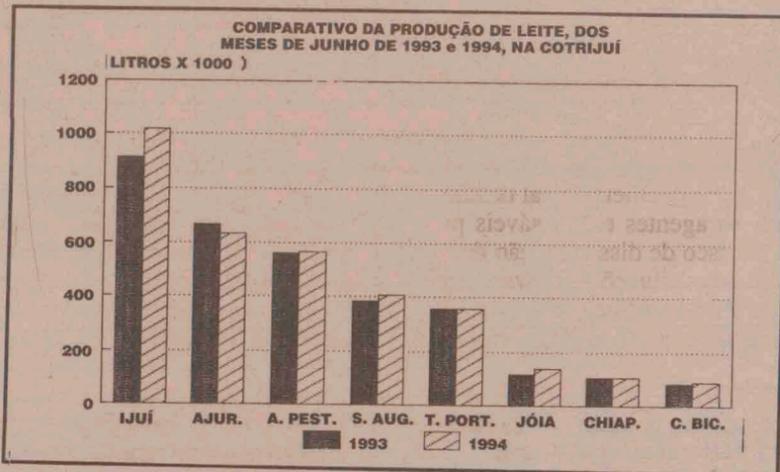
Coordenação - eng. agrôn. Jair da Silva Mello

Comportamento da produção

A produção de leite do mês de junho, na área de atuação da Cotrijuí, cresceu, em relação a de maio, em 18,4 por cento. Maio foi o mês de menor produção de leite deste ano. A queda registrada na produção, comparando-se o mês de maio/94 com a média de 93 foi de 33 por cento. A causa da queda na produção é velha e conhecida da maioria dos produtores: menor oferta de forrageiras no outono/inverno. A utilização de feno e silagem na alimentação das vacas, especialmente nesta época do ano, é fundamental para o equilíbrio e manutenção da produção, sem prejuízos futuros para o bolso dos produtores.

Neste primeiro semestre de 1994, foram constituídos 27 novos grupos de ensiladeiras, totalizando 130 grupos na região de atuação da Cotrijuí. Com uma maior produção de silagem e um crescente número de produtores aderindo a esta tecnologia - a de armazenagem de forragens para ser utilizada no período de escassez de alimentos - a tendência é de que essa queda na produção de leite que costumeiramente ocorre no período de outono/inverno, comece a decrescer. Evidentemente que além da questão da manutenção de reservas de forrageiras, o produtor precisa aliar outras práticas de alimentação, sanidade e manejo do rebanho.

Nos três gráficos colocados abaixo, o produtor poderá analisar o desempenho da produção em cada uma das Unidades da Cotrijuí durante o mês de junho e compará-lo com o do ano passado, nesta mesma época do ano. O primeiro gráfico faz uma comparação da produção, usando como referência os meses de junho de 1993 e 1994. O segundo gráfico compara número de produtores e o terceiro a escala de produção alcançada. Numa avaliação dos três gráficos, é possível observar que a Unidade de Ijuí lidera em volume de produção, mas perde para a Unidade de Santo Augusto em termos de escala de produção - litros/propriedade/dia. Na média das Unidades houve um crescimento de 3,6 por cento na produção, uma redução de 8,7 por cento no número de produtores e um aumento de 13,3 por cento na escala de produção.



EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

ANO	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1 - SOJA US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,75	10,40	10,52	10,59	10,82	10,71	10,64	11,11	11,31	11,39	11,46	11,26
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	10,01	9,52	9,87	10,18	12,07	12,04	11,85	11,71	12,17	12,75
1994	12,63	12,46	12,04	11,04	11,14	11,89						
Preço e dólar médio do mês												
2 - MILHO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	6,59	6,18	6,06	6,21	6,29	6,56	6,24	6,26	6,53	6,70	7,00	6,79
1992	5,62	4,72	4,23	-	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	5,54	5,55	6,03	6,23	6,38	6,58	6,92	6,92	7,48	7,78
1994	6,94	6,06	6,02	6,02	6,09	6,18						
Preço e dólar médio do mês												
3 - TRIGO US\$/SACA												
MÉDIA 14 ANOS	10,48	9,77	-	11,78	11,78	11,55	11,70	10,52	11,32	11,09	10,96	10,83
1992	-	-	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	8,12	7,67	7,88	7,72	7,49	7,68	7,29	6,80	7,11	7,18
1994	6,64	6,90	6,90	6,90	6,89	6,79						
Preço e dólar médio do mês												
4 - SUÍNOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,70	0,73	0,76	0,71	0,73	0,79	0,73	0,71	0,69	0,70	0,67	0,73
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	0,73	0,68	0,62	0,68	0,75	0,69	0,67	0,68	0,73	0,83
1994	0,72	0,68	0,67	0,61	0,61	0,63						
Preço e dólar médio do mês												
5 - BOVINOS US\$/KG												
MÉDIA 14 ANOS	0,66	0,62	0,61	0,60	0,61	0,64	0,70	0,76	0,77	0,76	0,73	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	-	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	0,63	0,70	0,71	0,65	0,85	0,88	0,85	0,79	0,68	0,72
1994	0,73	0,62	0,73	0,63	0,58	0,70						
Preço e dólar médio do mês												
6 - LEITE US\$/LITRO (1)												
MÉDIA 14 ANOS	0,21	0,21	0,21	0,23	0,23	0,22	0,21	0,21	0,20	0,21	0,20	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	0,21	0,22	0,23	0,23	0,23	0,22	0,22	0,22	0,21	0,19
1994	0,19	0,18	0,19	0,20	0,19	0,19						
Preço e dólar médio do mês - (1) não está incluído o leite extra cota												
7 - PEIXE US\$/KG												
1994	0,58	0,62	0,65	0,63	0,58	0,57						
Preço e dólar médio do mês - (1) Não está incluído o leite extra cota												
Fonte: Assessoria de Estudos Econômicos/Comercialização-Cotrijuí - Elaboração - Economia Rural												



LUÍS JULIANI
Economista Rural

O último preço da soja, praticado antes da entrada da nova moeda, o real, foi de 11,89 dólares por saco. Esse preço ficou 17 por cento acima do preço praticado em junho do ano passado e, 6,7 por cento superior ao preço de maio. O preço médio dos últimos 14 anos foi de 10,90 dólares.

ÍNDICES ECONÔMICOS 1994

ÍNDICES%	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Junho
INPC-IBGE	40,30	40,57	43,08	42,86	42,73	
IGP-M FGV	39,07	40,78	45,71	40,91	42,58	45,21
IGP - FGV	42,20	42,24	44,83	42,46	42,73	
UFIR Cr\$	187,77	261,32	365,06	524,34	740,63	1.068,86
UREF	89,67	127,16	179,10	260,29	370,32	548,19
POUPANÇA *	41,79	42,89	42,55	49,03	47,17	47,60
DÓLAR Cr\$						
Último/mês	450,08	627,70	913,17	1.302,10	1.875,1	2.228,58
X mensal	381,66	544,33	755,21	1.078,51	1.843,58	2.681,25

Fonte: SUMA ECONÔMICA e COTRIJUI

DÓLAR COMERCIAL

* ÚLTIMO DIA DO MÊS

UREF - Unidade de Referência Agroindustrial

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

PROD.	BASE DE COMPARAÇÃO	MÉDIA DOS ÚLTIMOS 12 ANOS	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUNHO
Quantas sacas são necessárias para adquirir:								
FEIJÃO	01 t. de calcário	0,5	0,9	0,6	0,6	0,9	1,0	1,0
	01 t. de superfosfato simples	4,9	5,8	3,7	3,9	5,6	6,1	6,2
	01 t. de adubo (1)	12,3	8,7	5,4	5,5	8,1	8,8	9,2
	01 t. de uréia (1)	14,7	10,1	6,5	6,8	9,3	10,1	11,3
MILHO	01 automotriz	7.463,8	9.055	8.881	8.970	8.804	8.703	8.894
	01 trator médio	3.898,5	5.794	4.545	4.651	3.987	3.941	4.660
	01 t. de uréia	44,6	29,1	34,0	33,6	34,6	34,2	36,9
	01 t. de superfosfato triplo	27,1	28,9	33,1	33,4	35,7	35,3	37,2
	01 t. de calcário	2,9	2,6	3,0	3,0	3,4	3,4	3,2
	01 saca de soja	1,7	1,8	2,0	2,0	1,9	1,8	1,9
	01 t. de adubo	31,9	24,9	27,0	27,5	30,2	29,9	30,3
	100 litros de diesel	4,1	5,5	5,6	5,6	5,5	5,2	6,2
	20 kg de semente (1)	6,7	-	-	-	7,8	7,8	6,5
	01 litro de herbicida (2)	0,9	0,8	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
SOJA	01 automotriz	4.422,0	4.503	4.258	4.485	4.649	4.758	4.623
	01 trator médio	2.377,0	2.881	2.177	2.236	2.105	2.154	2.422
	01 ton. de calcário	1,4	1,4	1,4	1,5	1,8	1,8	1,6
	01 ton. superfosfato triplo (1)	21,1	15,9	16,1	16,7	18,7	19,3	19,3
	50 kg de semente	1,2	-	-	-	1,2	1,3	1,2
	100 litros de diesel	2,5	2,7	2,7	2,9	2,9	2,8	3,2
	01 ton. de adubo	19,0	12,9	12,8	13,2	15,1	15,4	14,7
	01 litro de herbicida (2)	2,7	2,4	2,4	2,5	2,7	2,6	2,5
TRIGO	01 automotriz	5.373,1	8.179	7.650	7.826	7.681	7.692	8.095
	01 trator médio	3.053,7	5.233	3.913	4.058	3.478	3.493	4.242
	01 ton. de uréia	22,4	30,4	29,3	29,3	30,1	30,2	33,6
	01 ton. de calcário	1,8	2,7	2,6	2,6	3,0	3,0	2,9
	100 litros de diesel	2,7	4,9	4,8	4,8	4,8	4,6	5,7
	01 ton. de adubo	21,2	26,0	24,5	23,9	26,4	26,4	27,5
	01 litro de fungicida (2)	6,1	7,1	6,8	6,8	6,8	6,7	6,4
	50 kg de semente (2)	1,8	-	-	-	1,9	1,9	1,9
Quanto se adquire com 1 kg. de suíno:								
LEITE	01 saca de milho	30,1	36,9	33,8	34,9	30,1	34,1	32,5
	01 saca de soja	50,6	67,2	69,2	68,2	57,0	64,3	62,6
	01 kg de bovino	3,1	3,9	3,4	3,8	3,2	3,9	3,7
	01 ton. de uréia	1.346,6	1.063	1.174	1.063	1.040	1.095	1.200
	01 ton. de superfosfato triplo (1)	1.620,7	1.058	1.117	1.058	1.075	1.132	1.210
	100 litros de diesel	123,0	196	194	194	190	177	168
	01 ordenhadeira (1)	8.541,5	8.500	8.500	8.500	8.500	8.500	8.500
	01 resfriador (1)	4.369,0	4.550	4.550	4.550	4.550	4.550	4.550
	01 kg de farelo de soja	1,1	1,2	1,3	1,2	1,2	1,3	1,2
	SUÍNO	kg. de milho	6,8	6,2	7,3	6,3	6,1	6,2
kg de soja		4,6	3,4	3,4	3,2	3,2	3,3	3,2
litros de leite		3,8	3,8	4,2	3,7	3,1	3,5	3,3
kg. de bovino		1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,9	0,9
kg. de concentrado		2,7	2,2	2,8	2,6	2,2	2,4	2,3
kg de ração crescimento		3,7	3,5	4,6	4,3	3,5	3,9	3,9
kg. de ração terminação		4,0	3,8	4,9	4,6	3,8	4,2	3,7
kg de farelo de soja (1)		2,9	3,1	3,3	2,9	2,8	2,8	2,8
Quanto se adquire c/1 kg de peixe								
PEIXE	kg de soja	-	3,9	2,9	3,4	3,3	2,9	2,9
	kg farelo de soja	-	2,8	2,8	3,1	2,9	2,4	2,3
	kg farelo de trigo	-	7,7	6,6	7,2	4,3	5,8	5,7
	kg de trigoilho	-	9,6	8,4	9,6	5,6	6,9	6,7
	kg de bovino	-	0,9	0,8	1,0	0,7	0,8	0,8
	kg de suíno	-	0,9	0,8	1,0	0,7	0,9	0,9

Fonte: Assessoria de Estudos Econômicos/Cotrijui

(1) Média de um ano

(2) Média de dois anos

Não resta a menor dúvida, apesar dos tempos bicudos, que o poder de compra do produtor de soja vem melhorando. Há três anos, em maio de 1992, era possível comprar uma automotriz com 5.962 sacos de soja. No mês seguinte daquele mesmo ano, a automotriz custava o equivalente a 5.173 sacos de soja. Em maio de 1993, o mesmo maquinário pode ser comprado por 5.610 sacos e, em junho, por 5.311 sacos de soja. Em maio deste ano, a compra da mesma automotriz envolveu 4.758 sacos de soja e, em junho, 4.623 sacos de soja. A mesma comparação pode ser feita com um trator. Em maio de 1992, o seu preço correspondia ao valor de 3.885 sacos de soja e, em junho, a 3.252 sacos. Em maio do ano seguinte, valer 3.760 sacos e, em junho, 3.532 sacos de soja. O mesmo trator pode ser comprado em maio deste ano por 2.154 sacos e, em junho, valeu o equivalente a 2.422 sacos de soja.

O leite foi o produto que apresentou maior variação de preço nestes últimos meses. A variação registrada em junho foi de 56,91 por cento contra 45,21 por cento do IGP-M. Ou seja, a variação do preço do leite ficou 11,7 por cento acima deste índice de inflação. O leite foi ainda o produto com maior valorização neste primeiro semestre do ano. A variação acumulada chegou a 835,04 por cento, enquanto que a do IGP-M ficou em 734,52 por cento. O preço da soja apresentou uma variação acumulada de 681,01 por cento e a poupança 834,94 por cento. É bom lembrar que, para o caso da poupança, é considerado o rendimento do último dia útil do mês.

VARIACÃO DOS PREÇOS COMPARADOS COM INDICADORES ECONÔMICOS

PRODUTO	VARIACÃO NO MÊS %						
	Jan.	Fev.	Mar.	Abril	Mai	Junho	Acumul.
SOJA	43,23	38,19	38,17	36,74	45,58	43,46	681,01
MILHO	16,67	33,21	46,92	41,46	46,45	44,14	581,66
TRIGO	44,32	39,68	45,54	40,16	44,12	40,77	734,27
SUÍNO	19,75	52,50	36,06	35,97	52,70	41,15	628,02
BOVINO	42,86	46,67	31,82	25,86	77,40	43,01	781,94
LEITE	39,29	38,46	42,59	45,65	48,46	56,91	833,04
PEIXE	29,04	52,46	40,85	36,71	27,85	37,00	563,04
IGP-M (FGF)	39,07	40,78	45,71	40,91	42,58	45,21	734,52
INPC-(IBGE)	40,30	40,57	43,08	42,86	42,73	42,58	720,36
DÓLAR	42,48	39,46	45,48	40,09	44,06	45,48	748,72
POUPANÇA	41,79	42,89	42,55	49,03	47,17	47,60	834,94
UREF	39,25	41,79	40,85	45,33	42,27	48,03	751,14

Divisão Agrotécnica

PREÇOS MÍNIMOS SAFRA 1993/1994 - EM CR\$

PRODUTO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Junho
Arroz Irriga.	3.747,00	5.314,00	7.484,50	10.877,50	15.475,50	22.908,50
Sequeiro	3.307,28	4.690,00	6.605,40	9.600,60	13.659,00	20.219,40
Milho	2.364,00	3.352,00	4.722,00	6.863,40	9.765,00	14.455,20
Soja	3.042,00	4.314,00	6.076,20	8.830,80	12.564,00	18.598,80
Feijão	8.406,60	11.921,40	16.790,40	24.402,60	34.717,80	51.393,60
Trigo	3.205,80	4.546,20	-	-	13.389,00	19.820,40
Tritic.	2.884,80	4.090,40	-	-	12.050,40	17.838,00

Fonte: CONAB/COTRIJUI

Elaboração: ASSESSORIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS

A região passada a limpo

Em breve os municípios de Ijuí e Coronel Barros terão os seus dados geofísicos atualizados. Os dados são obtidos através de um trabalho piloto de mapeamento de microbacias realizado pela Unijuí e Cotrijuí e que também poderá se estender a toda a região de atuação da cooperativa

Desde janeiro deste ano, uma equipe de profissionais formada por geógrafos, arquitetos, engenheiros e administradores ligados ao setor denominado Plano Diretor da Unijuí está confeccionando o mapeamento das microbacias de Ijuí. O trabalho coordenado pela geógrafa Lígia Cassol atende uma solicitação da Cotrijuí e é feito com base em imagens coletadas pelo satélite americano Landsat-MT-5, fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, com sede em São José dos Campos, de São Paulo.

Realizado através de um convênio entre Cotrijuí e Unijuí, o mapeamento das microbacias deve permitir uma atualização e maior exatidão sobre inúmeros dados físicos e naturais do meio rural que se encontram em cartas desatualizadas ou são resultantes de dados declaratórios.

Conforme explica Lígia Cassol, a captação de imagens por satélite possibilita o detalhamento da rede viária, das sedes distritais e a delimitação de tudo o que existe de cobertura vegetal, seja pela parte de mata nativa, de reflorestamento, ou áreas agrícolas. Nestas últimas, mostram as áreas de cultivo de soja e de milho e áreas de uso múltiplo, formadas pela aglomeração de propriedades com menos de 10 hectares de extensão. O mapeamento marca ainda as áreas que possuem declividades igual ou superior a 20 por cento como encostas de rios e terrenos

pedregosos que se tornam inviáveis para a mecanização e que, quando não manejadas corretamente, são grandes desencadeadoras do escorrimento do solo.

RACIONALIZAÇÃO - "A extensão desse trabalho é espetacular", afirma o superintendente da Cotrijuí Telmo Frantz, salientando que, com o mapeamento, a cooperativa terá um cadastro real de cada associado e condições de realizar avaliações mais exatas sobre produção e recebimento e ainda explorar com maior segurança os inúmeros projetos estabelecidos pelo Programa da Década. Na verdade, não só a cooperativa, mas todo o município terá em mãos um rol de informações precisas e atualizadas proporcionando uma racionalização administrativa em qualquer atividade.

Até agora o mapeamento trabalha com as imagens colhidas em fevereiro de 93, devendo ser totalizado no final de agosto com a entrega do relatório à cooperativa. Depois desse trabalho piloto, que inclui ainda o município de Coronel Barros, as duas instituições aguardam uma definição sobre o projeto encaminhado a Fundação Banco do Brasil para realização do mapeamento em todos os municípios da área de atuação da Cotrijuí. O mapeamento regional estimado para dois



Meio rural - exatidão de informações deve proporcionar melhor administração de projetos

anos e orçado em 184 mil dólares, já teve parecer favorável na sua primeira instância, que é a agência do Banco do Brasil em Ijuí.

Segundo Ivo Boratti, responsável pelo encaminhamento do projeto a Superintendência Regional do Banco do Brasil, em Porto Alegre, além de complementar uma solicitação feita pela Unijuí para ampliar o seu Plano Diretor, "é de grande pertinência para toda a região. É um

projeto novo que propicia a utilização de tecnologias modernas para administrar o planejamento da produção, visando o aumento da produtividade, aumento da renda agrícola e conseqüentemente para manter a população no meio rural", assinala Boratti dizendo ainda que em função do seu caráter, "ele vem totalmente ao encontro das aspirações governamentais, o que só aumenta o mérito de uma entidade privada que vem trabalhando para amenizar uma carência nacional".

MICROBACIA DO ARROIO CIPÓ

Discutindo prioridades

Diagnosticar, discutir e definir prioridades. Essa é a metodologia escolhida pela comunidade de produtores integrada a Microbacia Hidrográfica do Arroio Cipó, distrito de Floresta, em Ijuí, para avaliar problemas e encaminhar soluções nas áreas econômica e social de todo o grupo. A decisão foi retirada em encontro realizado no dia 30 de junho, reunindo além dos representantes da comunidade, uma equipe da Cotrijuí, da Unijuí e o coordenador de agropecuária do município, Júnior Piaia.

Durante a reunião, técnicos, produtores e professores avaliaram a primeira etapa de um trabalho iniciado no ano passado com o levantamento econômico da microbacia e com uma pesquisa responsável pelo diagnóstico de saúde dos moradores. O levantamento econômico foi realizado pelo departamento agrotécnico da unidade da Cotrijuí, em Ijuí, enquanto a pesquisa da saúde foi coordenada pelas nutricionistas Maristela Borin Busnelo e Lígia Frantz, mais o enfermeiro Pedro Palha, da Unijuí.

NECESSIDADES - Em 93, todos os dados referentes a produção agropecuária, hábitos alimentares, saúde preventiva e saneamento básico foram apresentados aos produtores para, agora serem avaliados

profundamente, explica maristela Busnelo. Para a nutricionista e os demais técnicos que encaminham a discussão na microbacia, nesse setor é preciso trabalhar melhor a destinação do lixo, a saúde das crianças, o tratamento da água, entre outros aspectos relevantes. Conforme indicou a pesquisa, a maior parte do lixo é deixado "a céu aberto", assim como predominam as fossas negras nas residências, facilitando a contaminação da água e do solo. Também chama atenção o fato de a maior parte da água contaminada ser oriunda de poço e apenas receber tratamento caseiro.

Do levantamento econômico resultante de um questionário realizado em 68 por cento das 108 propriedades existentes na microbacia, a comunidade obteve dados sobre a sua composição etária, distribuição fundiária, situação geral das lavouras, sistema de cultivo, práticas de controle ambiental, manejo do solo, entre outras.

De acordo com o técnico agrícola da Cotrijuí, Joceli Schiavo, o quadro que registra a situação das lavouras - publicado ao lado - é fundamental para nortear a discussão e a estratégia de ação da comunidade daqui para frente. Nos mil 721 hectares que compõem as 58 propriedades pesquisadas, a soja, no verão, ainda ocupa



Comunidade de Arroio Cipó
Elegendo prioridades

91,2 por cento da área, sobrando para o milho apenas 7,96 por cento da área. Como se não bastasse o pouco milho plantado, também tem baixo rendimento, ficando clara a necessidade de maior uso de tecnologia na exploração da cultura.

O mesmo quadro da situação das lavouras vai ser determinante para outros dados importantes como o baixo índice do uso de rotação de culturas no verão com a soja e o milho: somente 7,96 por cento da área. Em conseqüência disso, a aplicação do sistema conservacionista, o plantio direto, também se encolhe, apresentando-se em apenas 10 por cento da área no verão e 19 por cento no inverno.

Todos os dados geográficos levantados pelo questionário vão ainda ser cruzados com aqueles fornecidos por imagens de satélites através do mapeamento de

microbacias realizado pela Unijuí. "A partir das imagens podemos inclusive minimizar erros possíveis", salienta o engenheiro agrônomo da Cotrijuí Fernando Rodrigues, destacando a ampliação e exatidão de dados geofísicos não só para a microbacia do Arroio Cipó mas para todo o município.

COMISSÃO - Para trabalhar a sua situação econômica e social, a comunidade da microbacia de Arroio Cipó resolveu eleger uma comissão formada por produtores e representantes das entidades que atuam junto ao grupo. A comissão que vai direcionar a discussão e definir ações prioritárias é constituída pela Cotrijuí, Unijuí, Emater, Prefeitura Municipal, Eloi Sandro Copetti, Almir Bigolin, Juarez da Rosa, Helmut Guth, Dilce da Rosa, Iris Clair Bigolin, Edite Elisa Eickoff e Nildo e Glaci Prauchner.